



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ARTES**

FRANCISCA RISOLENE FERNANDES ROCHA

**HISTÓRIA EM QUADRINHOS: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA COM
DOCENTES DA EMEF FRANCISCO XAVIER DE FREITAS – HORIZONTE-CE**

**FORTALEZA
2025**

FRANCISCA RISOLENE FERNANDES ROCHA

HISTÓRIA EM QUADRINHOS: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA COM
DOCENTES DA EMEF FRANCISCO XAVIER DE FREITAS – HORIZONTE-CE

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Artes. Área de concentração: Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Wendel Alves de Medeiros

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R573h Rocha, Francisca Risolene Fernandes.

História em quadrinhos: uma experiência formativa com docentes da EMEF Francisco Xavier de Freitas - Horizonte-CE / Francisca Risolene Fernandes Rocha. – 2025.
84 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Mestrado Profissional em Artes, Fortaleza, 2025.

Orientação: Prof. Dr. Wendel Alves de Medeiros .

1. Ensino de artes visuais. 2. Histórias em quadrinhos. 3. Experiência formativa . 4. Educação continuada. I. Título.

CDD 700

FRANCISCA RISOLENE FERNANDES ROCHA

HISTÓRIA EM QUADRINHOS: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA COM
DOCENTES DA EMEF FRANCISCO XAVIER DE FREITAS – HORIZONTE-CE

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes. Área de concentração: Ensino de Artes Visuais.

Aprovada em 17/02/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wendel Alves de Medeiros (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Francisca Genifer Andrade de Sousa
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Alexandre Santiago da Costa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus, à minha família, aos meus professores e aos colegas e colaboradores da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

A Deus por ter me dado capacidade, forças e muita determinação para continuar essa caminhada, porque sem Ele eu nada seria.

Ao meu pai, Raimundo Fernandes de Menezes (*in memoriam*), por ter demonstrado as coisas belas do mundo, por ter me ensinado a lutar por um mundo mais justo e feliz e, assim, acreditar no potencial do ser humano.

À minha mãe, Maria Fernandes Andrade, que mesmo não tendo estudado, nos encaminhou à escola com a seguinte frase: “vão à escola, pois é a única coisa que tenho a oferecer a vocês”.

À minha filha, Marina Fernandes Queiroz, por ser compreensível e saber me esperar.

Ao Prof. Dr. Wendel Alves de Medeiros, meu professor e meu orientador, que com sua paciência e sabedoria me guiou nesta pesquisa.

A Thyago Cabral, artista cearense, conhecido como Thyagão, que disponibilizou seu precioso tempo, deslocando-se de Fortaleza a Horizonte para ministrar o minicurso sobre quadrinhos na sala de aula com os professores da Escola Francisco Xavier de Freitas.

Aos professores participantes da banca examinadora, Profa. Dra. Francisca Genifer Andrade de Sousa e Prof. Dr. Alexandre Santiago da Costa, pela paciência, pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos professores que contribuíram com seus ensinamentos e sabedoria e ao coordenador do curso que também ministrou aula: Prof. Dr. Gerardo Silveira Viana Júnior.

Aos professores participantes, pelo tempo concedido nas entrevistas e pela formação no minicurso.

Aos colegas da turma de mestrado, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas, em especial, a professora Andreia de Lima de Almeida que esteve sempre comigo na alegria e nas angústias.

A melhoria do ensino da arte só pode dar-se com uma consistente preparação estética e artística dos estudantes, formalizada no estudo das linguagens artísticas, da teoria da arte e da história da arte (Ferraz, 2010, p. 9).

RESUMO

Esta pesquisa, na área de ensino de artes, teve como objeto de estudo o uso das Histórias em Quadrinhos em sala de aula, como uma experiência de formação continuada em artes visuais com docentes da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Francisco Xavier de Freitas, em Horizonte, Ceará. O ponto de partida para sua realização foi a seguinte questão: qual é a percepção dos professores acerca do componente Arte, a partir de uma formação em artes visuais, cuja metodologia utiliza as histórias em quadrinhos? Assim, o objetivo geral foi investigar as percepções e representações acerca do componente Arte pelos professores da EMEF Francisco Xavier de Freitas, seguido pela formação na modalidade minicurso, sobre as possibilidades de ensino de artes visuais por intermédio do uso das Histórias em Quadrinhos em sala de aula. Como referencial teórico, a pesquisa recorreu a autores como Ferraz e Fusari, Barbosa, Brandão, Eisner, entre outros. Como aporte metodológico, foram importantes os estudos e conceitos de Barbosa sobre a Abordagem Triangular (AT), cujas sistematizações ocorreram na década de 1980. Ressalta-se que a Abordagem Triangular foi essencial para a organização e realização deste trabalho. Para a coleta de dados, foram aplicados dois questionários: o primeiro, escrito, e o segundo, *online*, via WhatsApp, além de registros fotográficos e videográficos obtidos no dia da execução prática do minicurso. A análise dos dados foi realizada com base na leitura de imagens proposta por Barbosa, após a realização da formação. Nos achados da pesquisa, observou-se que a maioria dos professores comprehende o significado de arte, mas ainda prevalece a visão de arte como um campo do fazer, de forma tecnicista. O ensino de arte pouco mudou em relação ao período em que os professores eram estudantes, pois continuam repetindo as práticas aprendidas em sala de aula. Nenhum dos professores tem formação em artes, e a maioria mencionou a desvalorização do componente Arte, uma vez que não recebem formação nem orientação sobre como ministrar as aulas de arte, ao contrário das outras disciplinas, que recebem formação e orientação específicas. Certificou-se que, após o minicurso, houve uma mudança na percepção dos professores sobre como ministrar as aulas de arte, principalmente nas artes visuais. Um dos professores logo utilizou as HQs com os alunos, enquanto outros afirmaram que, após a formação, passaram a adotar novas estratégias para explorar as artes em sala de aula. Conclui-se que é urgente a implementação de formação continuada para os professores que

ministram o componente Arte no município de Horizonte, abrangendo toda a educação básica. Além disso, é necessária mais sensibilidade nas escolas quanto à relevância das artes para a formação dos discentes, tanto no aspecto cognitivo quanto no sensível e estético. Investir em formação continuada para os professores de artes é fundamental, pois, por meio das aulas de arte, os docentes podem adotar uma abordagem interdisciplinar, utilizando HQs e a AT, o que impacta positivamente na aprendizagem dos alunos e aprimora o ensino das outras disciplinas, sem a necessidade de suprimir o tempo destinado ao componente curricular Arte.

Palavras-chave: ensino de artes visuais; histórias em quadrinhos; experiência formativa; educação continuada.

ABSTRACT

This research, in the area of art education, had as its object of study the use of comic books in the classroom, as an experience of continuing education in visual arts with teachers from the Francisco Xavier de Freitas Municipal Elementary School (EMEF), in Horizonte, Ceará. The starting point for its implementation was the following question: what is the perception of teachers about the Art component, based on a visual arts education whose methodology uses comic books? Thus, the general objective was to investigate the perceptions and representations about the Art component by teachers from EMEF Francisco Xavier de Freitas, followed by training in the mini-course modality, on the possibilities of teaching visual arts through the use of comic books in the classroom. As a theoretical reference, the research used authors such as Ferraz and Fusari, Barbosa, Brandão, Eisner, among others. As a methodological contribution, Barbosa's studies and concepts on the Triangular Approach (TA), whose systematization occurred in the 1980s, were important. It is worth noting that the Triangular Approach was essential for the organization and execution of this work. For data collection, two questionnaires were applied: the first, written, and the second, online, via WhatsApp, in addition to photographic and video records obtained on the day of the practical execution of the mini-course. Data analysis was carried out based on the reading of images proposed by Barbosa, after the completion of the training. In the research findings, it was observed that most teachers understand the meaning of art, but the view of art as a field of practice still prevails, in a technical way. Art teaching has changed little in relation to the period in which the teachers were students, as they continue to repeat the practices learned in the classroom. None of the teachers had any training in the arts, and most mentioned that the Art component was undervalued, since they did not receive training or guidance on how to teach art classes, unlike other subjects, which receive specific training and guidance. It was found that, after the mini-course, there was a change in the teachers' perception of how to teach art classes, especially in the visual arts. One of the teachers immediately used comics with the students, while others stated that, after the training, they began to adopt new strategies to explore the arts in the classroom. It was concluded that it is urgent to implement ongoing training for teachers who teach the Art component in the municipality of Horizonte, covering all basic education. In addition, schools need to be more sensitive to the relevance of the arts for the

development of students, both in the cognitive and in the sensitive and aesthetic aspects. Investing in ongoing training for art teachers is essential, because through art classes, teachers can adopt an interdisciplinary approach, using comics and AT, which has a positive impact on student learning and improves the teaching of other subjects, without the need to cut back on time dedicated to the Art curricular component.

Keywords: teaching visual arts; comics; training experience; continuing education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Intersecção da história em quadrinhos.....	18
Figura 2 – Exemplo de sarjeta	31
Figura 3 – Exemplo de tira exibida no perfil do autor André Dahmer e o seu poder de resposta e interação na rede social <i>Instagram</i>	32
Figura 4 – Exemplo de tira dominical dos Peanuts, personagens do grande quadrinista Charles Schulz (1922 - 2000)	33
Figura 5 – Capa de um famoso fanzine cearense, o Seres Urbanos, criado por um grupo de jovens artistas cearenses nos anos de 1990	34
Figura 6 – Capa de revista em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i> , criada pelo autor Maurício de Souza	35
Figura 7 – Capa de graphic novel Um Contrato com Deus, publicação que definiu esse formato.	36
Figura 8 – Capa do famoso e clássico mangá Lobo Solitário. Criação e roteiro: Kazuo Koike e arte de Goseki Kojima.	37
Figura 9 – Uma das páginas de The Marvel Fumetti Book (1984)	39
Figura 10 – Exemplo de adaptação dos quadrinhos para a web: os estúdios Maurício de Sousa homenagearam o desenhista Ziraldo (1932 - 2023) como uma história chamada “saudade”, publicada no perfil @turmadamonica na rede social instagram.	40
Figura 11 – Cartum elaborado pelo cartunista Quino, com a personagem Mafalda.	41
Figura 12 – Charge elaborada por Clayton, chargista do O POVO	42
Figura 13 – Foto atualizada da EMEF Francisco Xavier de Freitas	46
Figura 14 – Thyago Cabral em entrevista ao Jornal Diário do Nordeste	52
Figura 15 – Charge do @diariodonordeste.....	53
Figura 16 – Intervenção urbana #achoquevibelchior	54
Figura 17 – Charge na forma de tiras de quadrinhos	55
Figura 18 – Nuvem de palavra 1.....	59
Figura 19 – Nuvem de palavras 2.....	61
Figura 20 – Momento de contextualização	68
Figura 21 – Fase de contextualização	68
Figura 22 – Momento de fruição	69
Figura 23 – Notícia.....	70

Figura 24 – Foto e manchete.....	70
Figura 25 – Charge do artista Thyagão	71
Figura 26 – Momento de produção.....	72
Figura 27 – Momento de produção.....	72
Figura 28 – Produto final.....	73
Figura 29 – Produto final.....	73
Figura 30 – Produto final.....	74
Figura 31 – Produção de HQ: alunos do 7º ano A.....	75

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
ANPAP	Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas
AT	Abordagem Triangular
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEU	Centro de Artes e Esportes Unificados
EF	Ensino Fundamental
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
FAEB	Federação de Arte-Educadores do Brasil
HQs	História em quadrinhos
LDB	Lei de Diretrizes e Base
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PEBA	Pesquisa Educacional Baseada em Arte
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Estudante
PR1	Professor regente um
PR2	Professor regente dois
SPAECE	Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UVA	Universidade Estadual Vale do Acaraú

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO	23
2.1	Caminhos nada fáceis para o ensino de Arte: uma luta pela valorização do Componente Arte enquanto área de conhecimento....	23
2.2	O que são Histórias em Quadrinhos e qual a sua linguagem?	28
2.2.1	Conceito de histórias em quadrinhos.....	29
2.2.2	Formatos de HQs	31
2.2.2.1	<i>Tiras.....</i>	33
2.2.2.2	<i>Página dominical.....</i>	33
2.2.2.3	<i>Fazines.....</i>	34
2.2.2.4	<i>Revista quadrinhos.....</i>	35
2.2.2.5	<i>Graphic novels.....</i>	36
2.2.2.6	<i>Mangá.....</i>	37
2.2.2.7	<i>Fotonovela.....</i>	39
2.2.2.8	<i>Webmics.....</i>	41
2.2.2.9	<i>Cartum.....</i>	42
2.2.2.10	<i>Charge.....</i>	42
3	METODOLOGIA.....	43
3.1	Tipo de pesquisa.....	43
3.2	Sobre os participantes da pesquisa	44
3.3	Características do lócus da pesquisa.....	46
3.4	Aplicação do minicurso <i>Possibilidades de uso das histórias em quadrinhos em sala de aula</i>	48
3.4.1	<i>Estrutura do minicurso: a fase da contextualização.....</i>	49
3.4.2	<i>Estrutura do minicurso: a fase da fruição.....</i>	50
3.4.3	<i>Estrutura do minicurso: a fase da produção</i>	55
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	57
4.1	Resultados do questionário aplicado junto aos professores antes da realização do minicurso	57
4.2	Nossas percepções sobre a interação dos professores no momento do minicurso	67

4.3	A percepção dos professores acerca do componente Arte, a partir de uma formação em artes visuais, cuja metodologia usa as HQs	75
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	REFERÊNCIAS	80
	APÊNDICE A – INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	82
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	84

1 INTRODUÇÃO

A escrita desta dissertação só se tornou viável mediante os momentos de observações realizados por mim, enquanto professora pesquisadora, na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Francisco Xavier de Freitas localizada no município de Horizonte, região metropolitana da capital Fortaleza, Ceará. Nessas observações, identifiquei a falta de formação continuada em ensino de artes, bem como da necessidade de que esse tipo de formação aconteça, por parte dos docentes do componente Arte¹ e dos professores dos outros componentes curriculares da mencionada escola.

Vale ressaltar que também me coloco nesse lugar de carência formativa em artes, desde o meu período escolar na educação básica, no ensino superior e na vida profissional como pedagoga. Atualmente, lecionando vários componentes curriculares, incluindo o de Arte, situação que me caracteriza como professora polivalente na EMEF Francisco Xavier de Freitas. Esse processo de observação sobre o lugar onde trabalho, fez-me perceber que a minha história de contato com o universo das artes, possivelmente, não é muito diferente dos meus colegas da escola na qual estou inserida.

Meu contato com as artes se iniciou precariamente na educação básica, em uma disciplina denominada de Educação Artística, na década de 1990, oferecida somente a partir da 5^a série do antigo primeiro grau, fato que descobri analisando meus históricos escolares. Também me recordo que as aulas de artes se resumiam a desenhos, danças e peças teatrais, que, mesmo sendo superficiais, despertaram meu interesse em buscar novos caminhos dentro das artes. Ainda cursando a antiga 7^a série, tive o privilégio de vivenciar um curso de teatro na cidade de Horizonte, pois gostava de atuar na escola, mas desconhecia a parte teórica. Vale ressaltar que, no final da pandemia², fiz novamente um curso de Teatro no Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU), em Horizonte, Ceará.

Um dado bastante curioso que me chamou atenção foi a diferença da terminologia do nome da disciplina. Na escola pública, era denominada de Educação

¹ Arte com a inicial maiúscula é o nome do componente curricular, enquanto arte com a inicial minúscula é uma das artes que compõem o componente curricular Arte, exemplo arte visual, música, teatro.

² Disseminação mundial de uma nova doença e termo passa a ser usado quando uma epidemia, surto que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa.

Artística, enquanto, na escola particular, já era denominada de Arte. Observei essa disparidade porque cursei a oitava série em 1999 numa escola particular na capital do Ceará, mas não vi diferença na prática do ensino. Já na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), onde cursei Pedagogia, também não estudei nenhuma disciplina específica de Arte, pois ela era incluída nas cadeiras de Estágio I e II. Nessas disciplinas, confeccionávamos objetos para apresentação dos seminários e utilizávamos na prática com as crianças da Educação Infantil. Esses objetos "artísticos" tinham o objetivo de deixar as aulas mais lúdicas – o que, por si só, já é um equívoco, uma vez que a ludicidade não deve ser confundida com arte – nos componentes de Língua Portuguesa e Matemática. Percebe-se que nada era direcionado ao ensino das artes, e tampouco das artes visuais. Nesse sentido, minha formação acadêmica foi insuficiente em relação a como lidar com esse campo do saber.

Minha percepção para arte visual se concretizou em 2008, quando fui contratada para ministrar aulas do componente Arte, na Escola Raimundo Nogueira em Horizonte, Ceará. Naquele período usávamos como livro de apoio a apostila denominada: *Primeiro, Aprender! Ler bem para aprender pra valer*, 2009. Era um projeto criado pelo Governo do Estado do Ceará, que teve como objetivo principal aumentar o índice da habilidade leitora dos alunos do primeiro ano do Ensino Médio, incluindo todas as disciplinas curriculares, tendo como idealizador o professor Edgar Linhares.

As aulas contemplavam as quatro linguagens da Arte, mas era tudo teoria e prática de confecção de objetos que mais se assemelhavam ao artesanato, mas que havia um esforço para que os alunos pudessem realizar trabalhos manuais e, com isso, se expressarem artisticamente na realização desses objetos, por exemplo: confecções de flores, desenhos na lixa usando giz colorido e água para fixar o giz e formar o desenho, dobraduras, dentre outros. Reflexos do ensino que recebi quando era estudante da educação básica, nada para contextualizar, como relacionar a arte com a nossa realidade e o entorno.

Só repetia o modo de ensino que recebi. Eu sonhava em conhecer o Teatro José de Alencar, então, oportunizei a mim e aos meus alunos momentos de visita ao teatro e à casa de José de Alencar, na capital do Ceará e, assim, pude abrir minha mente para arte visual. Para Barbosa (2010), o professor, além de ministrar aulas de arte, deverá também visitar exposições nos museus, analisar e criticar o ocorrido no

mundo das artes, ler sobre arte e sobre o ensino de arte, garimpando conteúdos relevantes para a vida dos estudantes, e foi justamente o que busquei fazer.

Permaneci Escola Raimundo Nogueira até janeiro de 2010, quando fui nomeada para o concurso do município de Chorozinho, onde também tive a oportunidade de lecionar Arte nos quintos anos do Ensino Fundamental (EF). Depois retornoi a Horizonte para assumir meu segundo concurso, em fevereiro de 2011, onde permaneço atualmente. Nessa trajetória como professora polivalente, observo a falta de valorização do componente curricular Arte, inclusive hoje lecionando quase todos os componentes curriculares nas turmas de primeiro, quarto e quintos anos do EF.

É observado que tive pouco contato com as artes na minha educação básica, na formação profissional e pouca valorização do componente Arte nos locais de trabalho por onde passei, pois tudo ocorreu ou permanece de forma rápida e com poucas experiências de arte visual. Pude me encontrar com o gênero textual tirinha em sala de aula, através do livro didático, e, a partir disso, comecei a levar as História em Quadrinhos (HQs)³, da minha filha para os meus alunos do 2º ano fazerem leituras imagéticas e/ou umas leituras semióticas, para que aprendessem a interpretá-las de forma crítica e reflexiva.

A partir daquele dia, passei a enfatizar mais as imagens em sala de aula, aguçando a reflexão dos alunos sobre o significado do texto imagético – sim, imagens são consideradas texto – e oportunizando a eles para que conseguissem atribuir significados diversos. Foi com o uso das HQs que comecei a entender que aquelas imagens com narrativas não eram apenas para serem trabalhadas do ponto de vista literário, e que HQs é uma linguagem artística consolidada e expressiva.

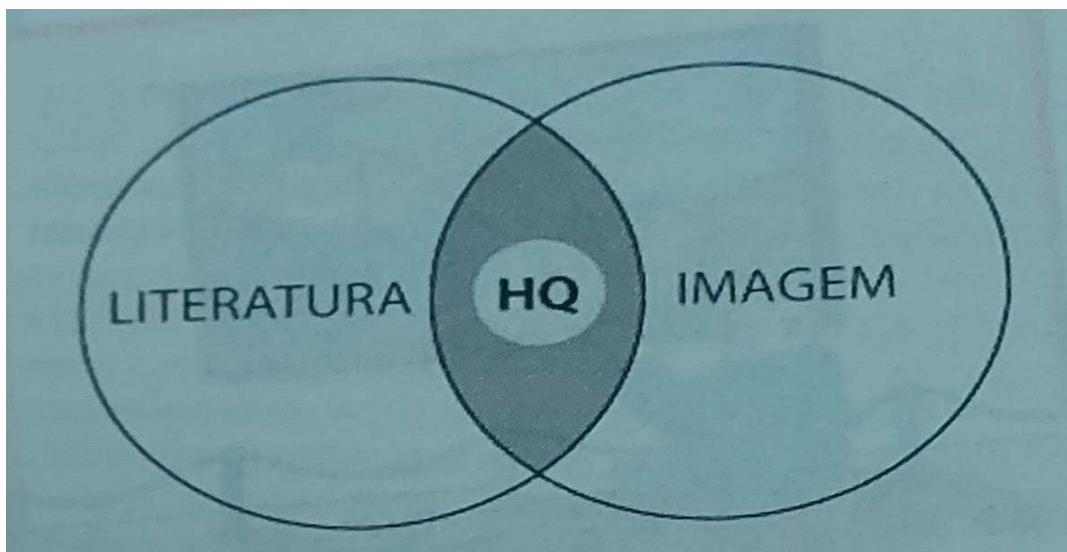
Em comum acordo com Eisner (2010, p. 2) “as histórias em quadrinhos apresentam uma sobreposição de palavras e imagens, e, dessa forma, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais”. Ainda é perceptível que a forma que se ensina Arte, erroneamente faça com que esse componente continue sendo visto na escola como algo direcionado para o fazer pela mera cópia ou algo com o intuito decorativo, sem chamar atenção dos alunos para a

³ Vale ressaltar que HQs podem ser considerados um gênero textual por utilizar narrativas e diálogos. Acontece que HQs também é uma arte gráfica, mais especificamente, pertencente ao campo das artes visuais, pela existência da criação de imagens que vão entrar em sintonia com a narrativa, transmitindo sensações e sentimentos.

necessidade de ensiná-los, para desenvolverem habilidades de interpretação visual, ou melhor, de leitura de imagens.

Vale destacar que as HQs estão presentes em vários componentes do currículo, principalmente no de Língua Portuguesa, pois demonstram uma interface com a literatura, como defende Cagnin (2015, p. 39) ao afirmar que a “HQ é formada pela interseção de dois conjuntos: literatura e imagem. A fusão desses dois elementos gera algo novo, que não é literatura e nem imagem, mas história em quadrinho, uma mídia com linguagem e sintaxe própria”, como pode ser observado na Figura 1.

Figura 1 – Intersecção da história em quadrinhos



Fonte: Brandão, 2018, p 40.

Como vimos, a junção da literatura com imagens resulta em uma mídia com linguagem e sentido próprio. Talvez falte mais valorização dessa linguagem e sentido em sala de aula, por parte dos professores pedagogos que lecionam Arte sem ter uma formação na área e, por muitas vezes, acreditarem que as HQs são somente um gênero textual, como descreve o livro didático.

Acredito que a minha história de vida não seja diferente da dos meus colegas da escola na qual leciono, pois eles também são pedagogos que lecionam vários componentes curriculares. Diante disso, esta dissertação tem como objeto de estudo o uso das HQs em sala de aula, como experiência de formação continuada em artes visuais com docentes da EMEF Francisco Xavier de Freitas, em Horizonte, Ceará. Esse caminho se faz necessário para garantir as percepções e lugares do

componente curricular Arte entre os docentes, pois suponho que eles passem pelas mesmas dificuldades para ensinar Arte na escola.

1.1Justificativa e problematização

A justificativa pessoal e profissional, da presente dissertação, se deve, principalmente, à minha trajetória como professora regente I, lecionando os componentes curriculares: Arte, Matemática e Língua Portuguesa nas turmas de 3º anos do EF – anos iniciais, no município de Horizonte, na região metropolitana de Fortaleza, Ceará. Sou professora, também, de Arte há 16 anos, mesmo não sendo formada na área, e, durante esse tempo, venho observando a desvalorização de alguns componentes curriculares, sendo que o de Arte é o mais prejudicado, principalmente nas turmas que são avaliadas pelo Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (Spaece).

Tal avaliação acontece desde 1992, primeiramente, de forma amostral para o município de Fortaleza, depois foi expandida para todo o Estado do Ceará. Seu objetivo é verificar o nível de aprendizagem dos anos que encerram o ciclo de aprendizagem, exceto para o Ensino Médio, que ocorre todos os anos. A Avaliação é aplicada nas turmas do segundo ano do EF, ano que fecha o ciclo de alfabetização, e visa avaliar o nível de aprendizagem das crianças na habilidade leitora. Recentemente está sendo avaliada a Matemática e a produção textual, e quando os alunos conseguem um bom desempenho e atingem o nível desejável, a escola será registrada no Spaece com a cor verde escuro e, ao ficar entre as 150 melhores escolas do Estado, são premiadas.

O Segundo ano do EF é a turma que mais sofre com essa pressão das avaliações externas, de modo que, muitas vezes, somos orientados a deixar de lado outros componentes do currículo, ocupando o tempo pedagógico com tarefas de Língua Portuguesa para que a escola obtenha uma boa colocação no Spaece. Tanto os alunos quanto os professores sofrem com essa cobrança excessiva. As crianças são treinadas para realizar a prova de uma forma muito mecanicista, e nós, professores, somos pressionados a dar resultado, fazer com que os alunos aprendam a ler e a compreender em um único ano.

A cobrança é tão intensa que temos professores adoecidos que não conseguem nem entrar em sala de aula para ministrar seus conteúdos. Também já fui

vítima desse sistema de avaliação, que não insere a reflexão da língua no período da Educação Infantil e exige que os alunos dominem a habilidade leitora no último ano do ciclo de alfabetização, menosprezando outros componentes, sobretudo o de Arte.

Como sugere Moraes (2019 p. 32), “de segunda a sexta feira, a escola permita às crianças a viverem práticas de leitura e produção textual diversificadas (e que no último ano da Educação Infantil e no ciclo de alfabetização assegure também momentos diários de reflexão sobre a notação alfabética)”. Conhecimento fundamental para complementar as habilidades leitoras, sejam das artes ou da literatura no início do EF, e que perpassaria a vida em todas as etapas.

Mediante a essa atitude forçada que temos que cumprir, sinto-me negligente, pois sei da importância das artes para a formação sensível e estética dos cidadãos. Houve um ano em que procurei o núcleo gestor de uma das escolas que já passei e falei do meu sentimento sobre os prejuízos que o Spaece traz para alguns componentes do currículo, principalmente o de Arte e, consequentemente, influenciará na aprendizagem das crianças. Observei como resposta a seguinte frase: “*a arte não é tão importante, o que é importante é ensinar aos alunos a ler e depois eles estudam arte*”. Neste momento, não pude conter o meu olhar de espanto e de indignação e disse: se a Arte não fosse importante, não estaria no currículo, e é um direito dos alunos estudarem Arte e todos os componentes que estão no currículo. Tal pensamento vai ao encontro dos escritos de Barbosa (2001, p. 27) que, mesmo sem conhecê-la, já tínhamos algo em comum, quando escrevera “se a arte não fosse importante, não existiria desde o tempo das cavernas, resistindo a todas as tentativas de menosprezo”.

Deixei a sala da direção muito triste e pensativa sobre o que eu poderia fazer para demonstrar que a arte também era importante e que através dela podem surgir novos tipos de conhecimentos, além do despertar para outras habilidades, até então, latentes, tanto para alunos, quanto para o corpo docente da referida escola. Será que, por intermédio de alguma iniciativa de formação em artes visuais, eu poderia, inicialmente, provocar os professores a um novo tipo de reflexão sobre o componente Arte? Esse episódio foi o motivador para que eu pudesse aprofundar essa temática nesta dissertação, haja vista que, em pleno século XXI, ainda nos deparamos com o desconhecimento das potencialidades transformadoras do componente Arte na vida de nossos discentes. Em concordância, Ferraz e Fusari (1999, p. 15) nos dizem que:

[...] e pretendemos contribuir para a formação de cidadãos conhecedores de arte e para a melhoria da qualidade da educação escolar, artística e estética, é preciso que organizemos nossas propostas de tal modo que a arte esteja presente nas aulas de arte e se mostre significativa na vida das crianças e jovens.

É observada a importância de a Arte ocupar o seu lugar nas aulas de arte. Não podemos aceitar que o tempo do componente Arte nas escolas seja “roubado” para engrandecer o componente curricular de Língua Portuguesa, em virtude das avaliações externas. Sendo que, uma boa opção seria os professores aprenderem a ministrar aulas de forma interdisciplinar, envolvendo textos multimodais, valorizando a apreciação, a fruição e a criação, sem necessitar suprimir nenhum componente, mas que haja diálogo entre eles, visando à aprendizagem integral dos estudantes e oportunizando a formação continuada para todos os professores pedagogos que lecionam Arte.

Ainda sobre a negação de alguns componentes do currículo, que é vivenciado por algumas escolas públicas, vale ressaltar que quem está sendo negado a esse acesso são os filhos da classe trabalhadora, que possivelmente tem pouco acesso às artes. A escola, talvez, seja o único local onde poderia valorizar. Sem contar que, ministrando aulas de forma interdisciplinar, poderá enriquecer a leitura também do código além de formar seres mais sensíveis.

Como já vivenciei essa experiência negativa em um dos locais de trabalho, suspeitei que essa situação de desconhecimento sobre o que realmente se ensina no componente Arte pudesse ser algo generalizado pelos próprios docentes de Arte da escola. De acordo com Ferraz e Fusari (1999, p. 99), “há professores que restringem sua interferência educativa em arte à organização de aulas somente com atividade de colorir desenhos prontos e já ‘impressos’ ou de reproduzir danças e canções já conhecidas, ou preparar ‘pecinhas’ de fim de ano”.

Isto demonstra que muitos docentes de Arte ainda reproduzem o ensino das artes, atrelado à perspectiva tecnicista que perpetua no Brasil desde 1960, valorizando somente o saber fazer, reduzindo aos saberes técnicos, sem proporcionar a reflexão dos conteúdos ministrados nas aulas de Arte, que muitas vezes se resumem à habilidade de saber desenhar e de saber decorar o ambiente de trabalho. Conforme explicam Ferraz e Fusari (1999), quando se tem um entendimento errado ou quando não se tem entendimento nenhum sobre o que é ensinar artes na escola,

os professores aceitam “fazer qualquer coisa” para preencher o espaço do componente Arte.

Portanto, mediante o exposto, trago a seguinte questão que norteia essa pesquisa: qual é a percepção dos professores do componente Arte a partir de uma formação em artes visuais, cuja metodologia usa as histórias em quadrinhos? A pergunta que se coloca almeja obter resultados que contribuam para analisar o que os professores entendem por arte, ensino de arte, como se estabelece uma prática desse tipo em sala de aula, qual é o lugar que definitivamente a arte ocupa no ensino regular da EMEF Francisco Xavier de Freitas.

Para tanto, o estudo teve como objetivo geral investigar as percepções e representações dos professores da EMEF Francisco Xavier de Freitas, acerca do componente Arte. Para que, a partir dos dados da pesquisa, pudéssemos executar uma formação na modalidade minicurso, sobre as possibilidades de se ensinar artes por intermédio do uso das HQs em sala de aula.

Para além disso, os objetivos específicos foram mapear as percepções dos professores na EMEF Francisco Xavier de Freitas, sobre arte e o componente Arte, antes e depois da realização do minicurso; executar uma formação na modalidade minicurso, sobre as possibilidades do uso das HQs em sala de aula, com os professores da EMEF Francisco Xavier de Freitas; analisar as percepções dos professores à luz da leitura de imagens proposta por Ana Mae Barbosa via Abordagem Triangular.

No mais, a presente dissertação traz, na seção 2, o referencial teórico, contendo explicações de cada forma de quadrinhos, seguindo pela metodologia, na seção 3, que aborda as características dos participantes, o lócus da pesquisa, a estrutura do minicurso e sua aplicação. Na seção 4, é abordada a análise dos resultados, que também contém as percepções dos professores sobre a formação e, por último, a seção com as considerações finais, seguidas pelas referências e pelos apêndices.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Caminhos nada fáceis para o ensino de Arte: uma luta pela valorização do Componente Arte enquanto área de conhecimento

O ensino da Arte passou pela tendência idealista-liberal de educação, na qual a escola era vista como autossuficiente, capaz de corrigir, por si só, todos os desafios sociais. A partir dessa tendência, surgiram as seguintes correntes pedagógicas: a tradicional, a pedagogia nova e a pedagogia tecnicista. Na abordagem tradicional, o desenho continuou sendo considerado uma preparação para o trabalho nas aulas de Arte.

Em consonância com Ferraz e Fusari (2010, p. 30),

[...] na prática, o ensino de desenhos nas escolas primárias e secundárias fazia analogias com o trabalho, valorizando o traço, o contorno e a repetição de modelos que vinham geralmente de fora do país; o desenho de ornatos, a cópia e o desenho geométrico visavam à preparação do estudante para a vida profissional e para as atividades que se desenvolvia tanto em fábricas quanto em serviços artesanais.

Já na pedagogia nova, o ensino de Arte incluía os cursos de desenho, denominados "desenho pedagógico", nos quais os estudantes aprendiam esquemas de construções gráficas para ilustrar as aulas. Essa tendência era pautada na Psicologia e na Biologia, demonstrando uma preocupação com o método de ensino, com os alunos, seus interesses, sua espontaneidade e o processo de trabalho, caracterizando uma pedagogia experimental (Ferraz; Fusari, 2010).

Muitos pesquisadores contribuíram para o ensino de Arte no Brasil no século XX. Na tendência da pedagogia nova, podemos citar John Dewey⁴, Viktor Lowenfeld⁵ e Herbert Read⁶. Este último contribuiu muito para a formação dos movimentos do ensino artístico no Brasil, liderado por Augusto Rodrigues que criara a escola de arte no Rio de Janeiro em 1948.

⁴ O filósofo norte-americano defendia a democracia e a liberdade de pensamento como instrumentos para a maturação emocional e intelectual das crianças.

⁵ Foi professor de Educação Artística, tornando-se uma referência nessa área da educação. Defendeu convictamente que o desenvolvimento estético, social, físico, intelectual e emocional se reflete na expressão artísticas da criança.

⁶ Foi um poeta anarquista e crítico de arte e de literatura britânico. Foi nomeado cavaleiro em 1953. Obteve o Prêmio Erasmo em 1966.

A metodologia das aulas de Arte na Pedagogia Tecnicista representa uma tendência pedagógica que chegou ao Brasil nas décadas de 1960 e 1970, mas que ainda persiste na atualidade. Muitos professores ministram as aulas de Arte valorizando apenas o saber fazer e o saber decorar, uma prática ainda muito presente, conforme mencionou Barbosa (2010) ao criticar o ensino de Arte, afirmando que ele está vinculado a uma produção sem leitura e sem reflexão.

Nas aulas de arte, os professores enfatizam um saber construir reduzindo aos aspectos técnicos e ao uso de materiais diversificados (sucatas, por exemplo), e um saber exprimir-se espontaneísta, na maioria dos casos caracterizando poucos compromissos com o conhecimento de linguagens artísticas (Ferraz; Fusari, 2010, p. 32).

Observa-se, na citação anterior, que muitos professores ainda supervalorizam o saber fazer, sem aprofundar-se na teoria das artes. Isso pode ocorrer, possivelmente, devido à falta de formação inicial e continuada dos docentes que lecionam Arte, já que muitos não são formados na área, mas ministram aulas dessa disciplina, além de outros componentes curriculares, para atender às demandas do sistema educacional. O curso de Pedagogia orienta os docentes a lecionarem diversas disciplinas do primeiro ao quinto ano do EF, mesmo sem formação específica em cada área. No entanto, seria ideal que os professores recebessem uma formação inicial que valorizasse mais o componente curricular de Arte ou que fossem especialistas na área em que atuam. Entretanto, como ser especialista em todos os componentes do currículo, considerando que ministramos aulas de quase todas as disciplinas?

Uma possível solução seria que o curso de Pedagogia preparasse melhor os universitários para o ensino de Arte ou que, além da formação pedagógica, os docentes escolhessem uma área específica do currículo para se especializar e ministrar aulas conforme sua especialização. Esse modelo se assemelha ao da Medicina, na qual os profissionais se formam em um curso geral e, posteriormente, escolhem uma especialidade para atuar.

O ensino de Arte foi instituído na primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), Lei nº 4.024/61, sendo ministrado nos níveis de 1º e 2º graus da Educação Básica como uma atividade complementar, ou seja, sem caráter obrigatório. Posteriormente, foi incluído na segunda LDB, Lei nº 5.692/71, sob a denominação de Educação Artística, apenas como uma atividade educativa, sem

reconhecimento como disciplina. Havia, inclusive, o risco de sua exclusão pela Constituição Federal de 1988. Com a revogação da LDB de 1971 pela LDB nº 9.394/96, o componente curricular de Arte foi finalmente reconhecido como disciplina obrigatória, abrangendo todos os níveis da educação básica, conforme estabelecido no artigo 26, parágrafo 2º da LDB (Brasil, 1996, p. s/n): “o ensino da Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. No entanto, esse artigo foi revogado em 2017 pela Lei nº 13.415, que reformulou a obrigatoriedade da disciplina, destacando as expressões artísticas regionais: “o ensino da Arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica” (Brasil, 2017, p.19).

Antes mesmo da Constituição Federal de 1988, educadores já se mobilizavam para garantir a presença do ensino de Artes no Brasil. Contudo, em pleno século XXI, ainda enfrentamos uma grande desvalorização dessa disciplina nas escolas. Muitas vezes, os professores são orientados a abordar conteúdos de outras áreas ou, quando a Arte é de fato ministrada, suas aulas se restringem a atividades de desenho e pintura, sem qualquer contextualização.

Neste mesmo sentido, Barbosa (1975, p. 90) afirma que:

[...] antes de ser preparado para explicar a importância da arte na educação, o professor deverá estar preparado para entender e explicar a função da arte para o indivíduo e a sociedade. O papel da arte na educação é grandemente afetado pelo modo como o professor e o aluno veem o papel da arte fora da escola.

O autor reitera: “a arte não tem importância para o homem somente como instrumento para desenvolver sua criatividade, sua percepção etc., mas tem importância em si mesma, como objeto de estudos” (Barbosa, 1975, p. 113).

Constatou-se, na fala da autora, que o aluno será influenciado pela vivência que o professor traz para a sala de aula, assim como pela compreensão que este tem sobre a relevância da Arte para os indivíduos e para a sociedade. No entanto, essa postura se torna quase inviável, uma vez que, no EF, as aulas de Arte são ministradas, em grande parte, por pedagogos que, muitas vezes, não cursaram disciplinas específicas voltadas para a Arte. Ainda assim, esses profissionais estão habilitados a lecionar todos os componentes curriculares nos anos iniciais.

Em 1997, o governo federal criou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) com o objetivo de nortear o ensino brasileiro, funcionando como referência para a elaboração dos currículos escolares do EF e médio, tanto em instituições públicas quanto particulares. Para o ensino das Artes, foi elaborado o documento PCNs – Volume 6, que estabelecia diretrizes para a disciplina. Nesse contexto, foram incorporadas quatro modalidades ao ensino de Arte: artes visuais, música, teatro e dança. Dentre elas, a subárea de artes visuais foi a que mais se expandiu, passando a abranger as artes gráficas, o cinema, o vídeo, a fotografia e as novas tecnologias (Brasil, 1997).

Com o advento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) o componente de arte ganhou um novo cenário. No subtópico 4.1.2, que trata do ensino da Arte no EF, evidencia-se que:

[...] o componente curricular Arte está centrado na seguinte linguagem: as Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro. Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre as formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestando como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte (Brasil, 2017, p. 193).

Observa-se que houve mais explicação sobre a linguagem da arte, que antes foi abordado nos PCNs, eram denominados somente como modalidades, sem elencar a importância para a vida dos estudantes. Além dessas quatro linguagens citadas anteriormente na BNCC, orienta-se, nesse documento, que elas se articulem com mais seis dimensões do conhecimento: a Criação, a Crítica, a Estesia, a Expressão, a Fruição e a Reflexão,

[...] que de forma indissociável e simultânea caracteriza a singularidade da experiência artística. Tais dimensões perpassam o conhecimento das artes visuais, da dança, da música, do teatro e a aprendizagem dos alunos em cada contexto social e cultural (Brasil, 2017, p. 194).

Dessa forma, as linguagens da Arte precisam ser contextualizadas, abrangendo mais seis dimensões, com o objetivo de facilitar o processo de ensino e aprendizagem na disciplina. A leitura dos documentos que norteiam o ensino de Arte evidencia que não basta ter apenas uma graduação na área da Educação; é fundamental que o professor seja formado em Artes e invista em capacitações para aprimorar sua práxis. Além disso, é essencial que os idealizadores da BNCC valorizem

o componente curricular de Arte, garantindo que essa valorização se reflete nas instituições de ensino. Mediante isso, à luz da BNCC, vale conceituar as artes visuais, visto que é um dos objetos deste trabalho.

Artes visuais são os processos e produtos artísticos e culturais, nos diversos tempos históricos e contextos sociais, que têm a expressão visual como elemento de comunicação. Essas manifestações resultam de explorações plurais e transformações de materiais, de recursos tecnológicos e de apropriações da cultura cotidiana. As artes visuais possibilitam aos alunos explorar múltiplas culturas visuais, dialogar com as diferenças e conhecer outros espaços e possibilidade inventivas e expressivas, de modo a ampliar os limites escolares e criar novas formas de interação artística e de produção culturais e criar novas formas de interação artísticas e de produção cultural, sejam elas concretas, sejam elas simbólicas (Brasil, 2017, p. 195).

Assim, as artes visuais ampliam a vida dos estudantes em diferentes direções: no âmbito cultural, cognitivo e pessoal, permitindo-lhes adquirir uma nova forma de apreciar a vida e tornando-os mais sensíveis a si mesmos, ao mundo e às pessoas com quem convivem. Talvez, dessa forma, seja possível construir um mundo mais acolhedor, com mais empatia e sensibilidade em todos os sentidos.

Entretanto, o mesmo documento que norteia o ensino das Artes nas escolas também evidencia uma desvalorização da disciplina ao classificá-la como uma subárea das Linguagens. No entanto, o componente Arte possui um vasto conteúdo que justificaria seu reconhecimento como uma grande área do conhecimento. A maior prova disso são suas diversas ramificações, como as seis dimensões — criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão —, além das unidades temáticas, que se subdividem em quatro áreas: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, sendo estas, ainda, capazes de originar outras unidades.

Posto isso, como demonstra Utuari (2018, p. 61),

[...] as linguagens artísticas são apresentadas em quatro blocos, nomeadas como unidades temáticas: Artes visuais, Dança, Música, Teatro. Essas linguagens desencadeiam inúmeras outras, cada uma com suas particularidades. A quinta unidade temática citada é a de Artes integradas, que parte do conceito de que na arte e na cultura, principalmente contemporâneas, muitas linguagens se relacionam e se articulam, em processos híbridos, nos quais uma produção artística é formada pela contribuição de várias linguagens ao mesmo tempo.

Assim sendo, confirma-se, nas palavras da autora, que a Arte possui uma riqueza infinita, sendo capaz de abranger todas as suas subáreas sem a necessidade

de ser classificada como uma subárea das Linguagens, pois ela própria é uma linguagem.

2.2 O que são Histórias em Quadrinhos e qual a sua linguagem?

São diversos os usos pedagógicos que podemos dar aos quadrinhos em sala de aula. Arriscamos afirmar que não há restrições para sua aplicação na Educação Infantil, no EF, no Ensino Médio e no Ensino Superior. Isso torna as histórias em quadrinhos (HQs) poderosas e atraentes para docentes de quaisquer componentes curriculares, além de serem amplamente adaptáveis do ponto de vista metodológico, mesmo para professores e discentes que nunca desenharam.

Quadrinhos nunca foram sobre saber desenhar, mas sobre saber se expressar, comunicar, informar e entreter. Essa é a contribuição que a aproximação com a Área das Artes, especificamente com as artes visuais, pode proporcionar aos discentes, desde que os docentes da disciplina Arte compreendam que esse campo não deve ser tratado como um passatempo, um processo terapêutico, com desdém ou como um momento livre, apartado do contexto social no qual vivem nossos alunos.

Essa visão distorcida e perpetuada por décadas foi extremamente danosa à área das artes, e tratar nesta dissertação sobre ensino das artes visuais, tendo como plano de fundo o uso dos quadrinhos em sala de aula, apenas se configura como um grão de areia ou uma gota no oceano das infinidáveis possibilidades que a arte-educação⁷, uma vez corretamente aplicada na escola e estando de acordo com o que pensa a Federação de Arte-Educadores do Brasil (FAEB)⁸ e a Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP)⁹ pregam.

A potência da arte sequencial reside na sua forma, ou melhor, na sua sintaxe, que se constitui e ganha vida pela hibridação entre palavras e imagens. Sobre isso, Brandão (2013, p. 34) é enfático ao afirmar que, “[...] para utilizarmos todo o potencial que os quadrinhos podem oferecer em sala de aula é preciso entender a sua

⁷ É uma área de estudo que utiliza a arte como forma de aprendizagem.

⁸ A FAEB é uma organização que luta pela existência e melhoria do ensino da arte no Brasil. Foi fundada em 1987 e representa as associações estaduais, regionais e municipais de profissionais de arte-educação.

⁹ ANPAP é uma entidade de natureza científico-artístico-educativa, sem fins lucrativos, com duração por prazo indeterminado, que congrega pesquisadores, centros e instituições para promover, desenvolver e divulgar pesquisas no campo das artes plásticas e visuais.

linguagem (sintaxe), o seu significado, conhecer os principais formatos, os elementos que o compõem e suas ferramentas básicas".

Esta dissertação não tem como foco o ensino de quadrinhos, mas não pode se esquivar de se apropriar dessa arte, na tentativa de demonstrar a visão do componente Arte, bem diferente das concepções que tanto prejudicaram e distorceram seu ensino e que, infelizmente, ainda persistem nas escolas cearenses. Isso ocorre devido ao desconhecimento estrutural de como a arte-educação chegou até os docentes, cujo contato foi quase nulo ou, ao máximo, limitado a um único momento de contato com alguma linguagem artística nas escolas. Muitos aprenderam e acreditam que o ensino de Arte se restringe à reprodução copista, à arte decorativa, ao artesanato, à terapia etc.

Esse cenário desolador, marcado por uma demanda reprimida em nosso Estado, que ainda desconhece novas possibilidades de se ensinar Arte, distantes de uma perspectiva tecnicista, produtivista e neoliberal, demonstra a necessidade urgente de uma reformulação nos cursos de formação inicial dos professores e a implementação de formação continuada em Artes, com a ampliação de cursos de extensão, especializações Lato e Stricto sensu. Nesse contexto, a nossa atuação no campo, na EMEF Francisco Xavier de Freitas, em Horizonte, Ceará, configura-se também como uma ação formativa continuada, com o objetivo de impactar e "transformar" positivamente os docentes, a fim de que, ao final dessa formação, eles modifiquem suas concepções acerca do Componente Arte.

Dessarte, como nosso objeto de estudo envolve especificidades técnicas, conceituais e estéticas, é nosso dever esclarecê-las. Por isso, oferecemos, a seguir, um panorama geral sobre as HQs, principalmente sob a ótica de sua sintaxe. Portanto, começaremos pelo significado de HQs.

2.2.1 Conceito de histórias em quadrinhos

De início, recorremos aos grandes mestres da área, para que possamos entender como as HQs evoluíram, muitas vezes incitada pelas transformações tecnológicas, como as mídias impressas e eletrônicas. Antes do advento do computador, vale trazermos a compreensão do artista americano Will Eisner (1917-2005), que explana:

[...] os quadrinhos utilizam uma série de imagens repetidas e símbolos reconhecíveis. Quando esses são usados repetidamente para transmitir ideias semelhantes, eles se tornam uma linguagem ou, se preferir, uma forma literária. E é essa aplicação disciplinada que cria 'a gramática' da arte sequencial (Eisner, 2010 p. 10)

Brandão (2013), no importante fascículo 3 – *A Linguagem dos Quadrinhos*, do Curso *Quadrinhos em Sala de Aula*, da Editora Fundação Demócrito Rocha, em parceria com o jornal O Povo e a Universidade Aberta do Nordeste, traz o autor americano Scott McCloud para caracterizar melhor o que são as HQs.

[...] o termo “Arte Sequencial” poderia confundir quadrinhos com animação, por exemplo. Para ele, quadrinhos são imagens organizadas propositalmente de maneira justapostas com um determinado objetivo narrativo (Brandão, 2013, p. 36).

Já os autores do livro *Efeito HQ: uma prática pedagógica*, Sonia Bibe Luyten e José Alberto Lovetro, dizem que “a base da linguagem dos Quadrinhos é a sequência de imagens com texto” (Luyten; Lovetro, 2018, p. 11). Eles são partidários de que os quadrinhos têm sua gênese com o advento da arte rupestre, ou melhor, com os desenhos presentes nas cavernas.

Para Luyten e Lovetro (2018, p. 12):

[...] as primeiras histórias em quadrinhos da história humana foram as sequências desenhadas nas paredes das cavernas, com informações de como caçar um antílope, de como construir uma lança, de como se proteger dos animais predadores e até de como fazer sexo. Era inaugurada a primeira biblioteca do mundo. Ao invés de livros, havia sequências desenhadas, ou seja: os quadrinhos.

Com esse exemplo de expressão primitiva, os autores, de certa forma, nos transmitem a ideia de que os quadrinhos sempre foram excelentes ferramentas pedagógicas e educacionais. É claro que eles não estão errados. Esse último conceito sobre o que são os quadrinhos nos leva a concluir que estão mais alinhados com a forma de pensar do autor Eisner. O fato é que, em todas as definições apresentadas acima, as imagens em sequência estão separadas por uma área vazia, porém, muito importante para que a “magia” dos quadrinhos aconteça.

Abaixo, na Figura 2, temos um exemplo do que é uma sarjeta:

Figura 2 – Exemplo de sarjeta



Fonte: Disponível em: <https://nanquim.com.br/quadro-requadro-sarjeta>. Acesso em: 10 maio. 2024.

Nessa direção, segundo Brandão (2013, p. 36),

[...] não adianta duas imagens estarem lado a lado se o leitor não concluir o que está acontecendo nesta transição de quadros. Portanto, o fenômeno chamado de conclusão, que ocorre na cabeça do leitor quando ele passa o olho pela sarjeta (ou “calha”, aquele espaço vazio entre os quadros), é o que dá unidade e sentido à narrativa sugerida pelas imagens.

Com isso em mente, ao ver imagens justapostas em uma determinada sequência, quem dá sentido e completa mentalmente o que está vendo, é o leitor. Isso nos dá uma dimensão do poder interativo que as HQs possuem.

2.2.2 Formatos de HQs

Em cada país, as HQs possuem seus nomes e, de acordo com Brandão (2013, p. 36), são:

[...] chamados de gibis (Brasil), *comics* (EUA e Canadá), *comic book*, arte sequencial, *historietas* (Argentina), *Tebeos* (Espanha), banda desenhada/*bande dessinée* (Portugal/França e Bélgica), mangá (Japão), *manhwa* (Coreia), *fumetti* (Itália), histórias aos quadrinhos (Angola), entre outros, os quadrinhos têm muitas caras e formatos.

Dito isso, nos tópicos seguintes tratamos de apresentar os principais formatos de HQs.

2.2.2.1 Tiras

As tiras eram facilmente encontradas nos jornais impressos, mas, com a evolução do meio virtual, principalmente nas redes sociais, esse formato se popularizou de maneira sem precedentes. Há uma infinidade de autores de tirinhas na web, e não será de se espantar quando perguntarmos aos nossos discentes quais desses autores eles gostam e recebemos como respostas vários exemplos dos quais nunca ouvimos falar. É comum que os quadros das tiras, geralmente entre dois e cinco, sejam dispostos na horizontal, com o objetivo de contar uma história com início, meio e fim, conforme se vê na Figura 3:

Figura 3 – Exemplo de tira exibida no perfil do autor André Dahmer e o seu poder de resposta e interação na rede social *Instagram*

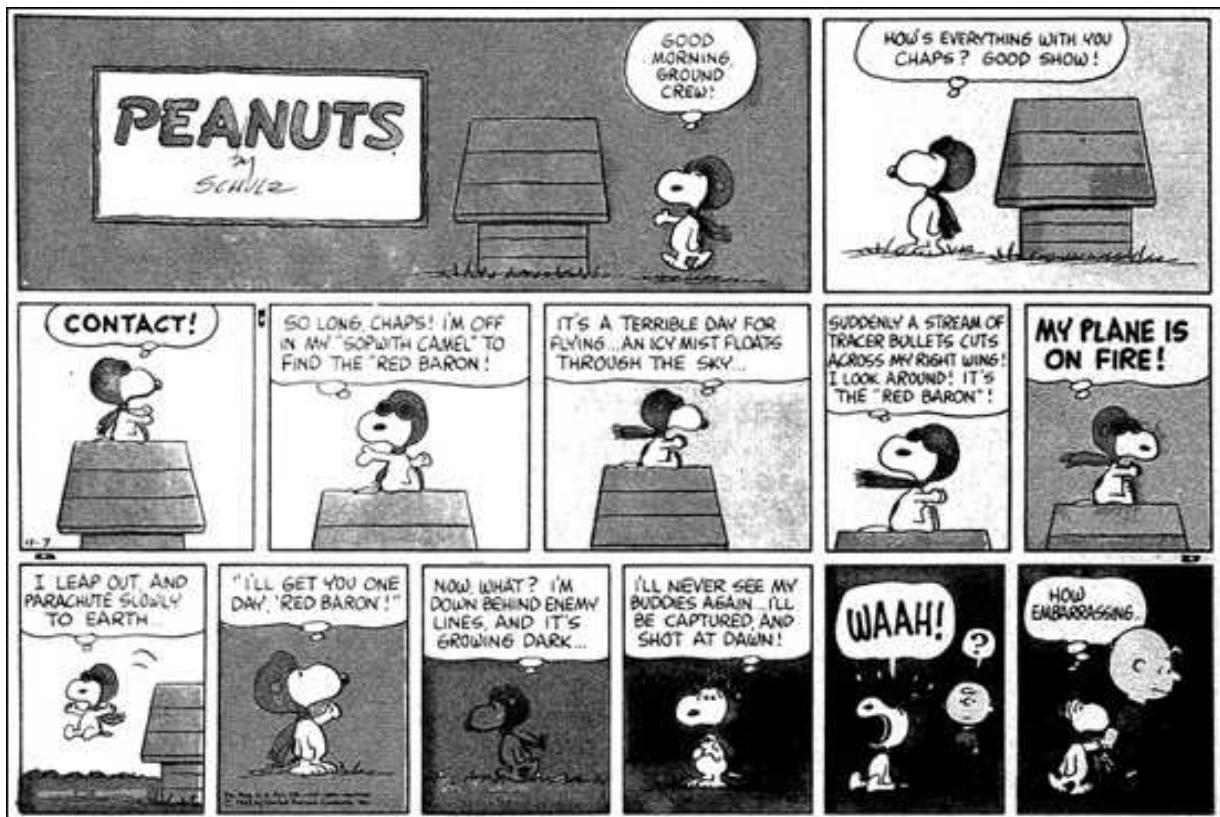


Fonte: <https://x.com/malvados/status/1215283269362704385/photo/1>. Acesso em: (10 maio,2024).

2.2.2.2 Página dominical

Como o próprio nome indica, trata-se de uma história com formato maior do que a da tira, que geralmente circulava nos cadernos culturais de domingo, assim como demonstrado na Figura 4:

Figura 4 – Exemplo de tira dominical dos *Peanuts*, personagens do grande quadrinista Charles Schulz (1922 - 2000)



Fonte: <https://universohq.com/noticias/procura-se-uma-pagina-dominical-dos-peanuts/>. Acesso em: 10 maio. 2024.

2.2.2.3 Fazines

É uma revista feita por fãs. Vem da união de Fanatic e Magazine. Feitos de forma artesanal, os fanzines são fotocopiados e distribuídos pelos clubes de aficionados por quadrinhos, bem como ilustrado na Figura 5:

Figura 5 – Capa de um famoso fanzine cearense, o *Seres Urbanos*, criado por um grupo de jovens artistas cearenses nos anos de 1990



Fonte: <https://encurtador.com.br/A3liU>. Acesso em: 10 maio. 2024.

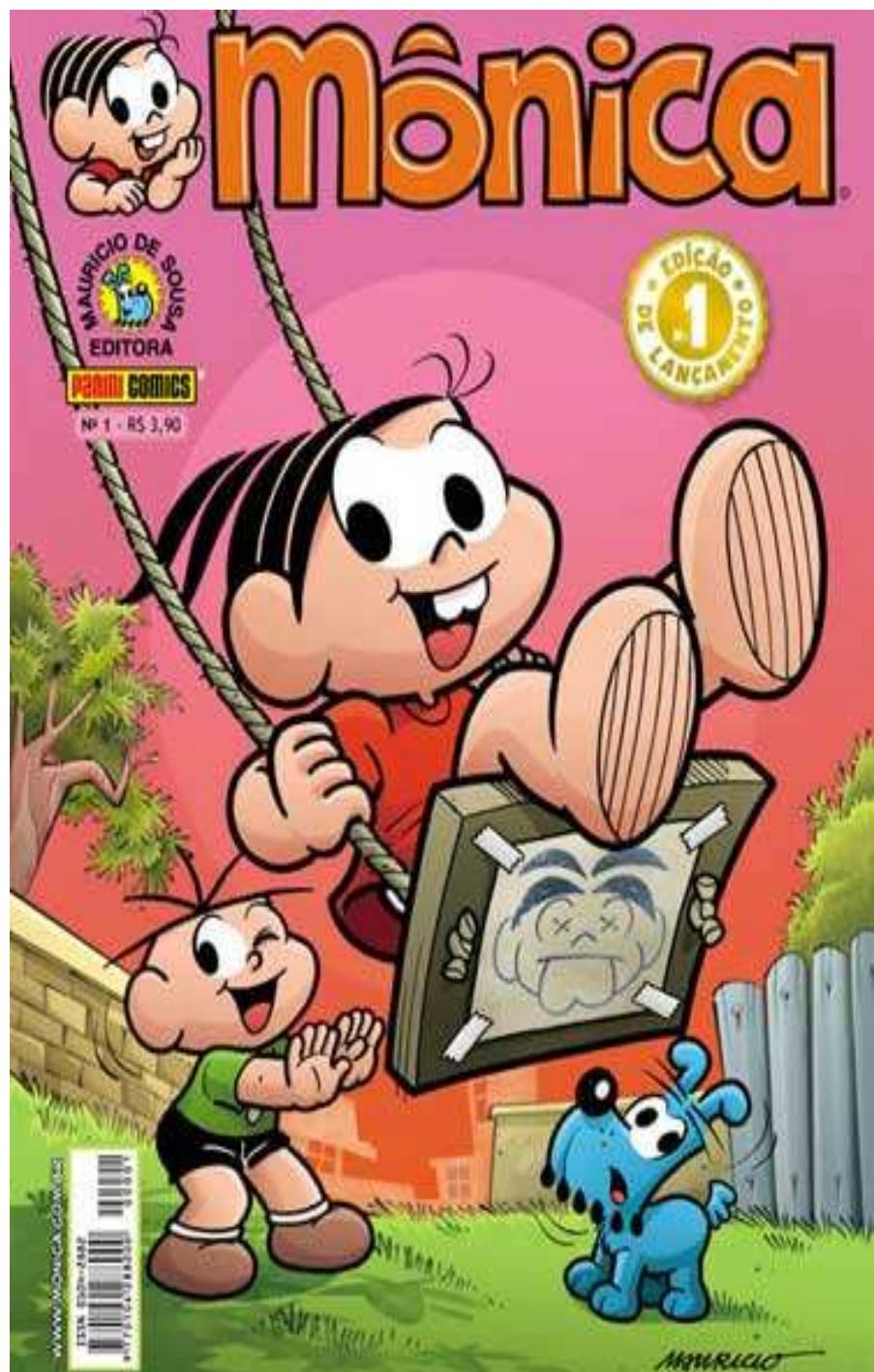
2.2.2.4 Revista em quadrinhos

Segundo Brandão (2013, p. 37):

[...] os tamanhos conhecidos como formatinho (13x21cm), comic book (17x26cm) e magazine (20 x 26,5cm) são os mais comuns. As revistas em quadrinhos, os gibis, de super-heróis, humor e infantil são facilmente encontradas em bancas e revistarias e dominam este mercado.

Veja o exemplo da Figura 6:

Figura 6 – Capa de revista em quadrinhos da *Turma da Mônica*, criada pelo autor Maurício de Souza



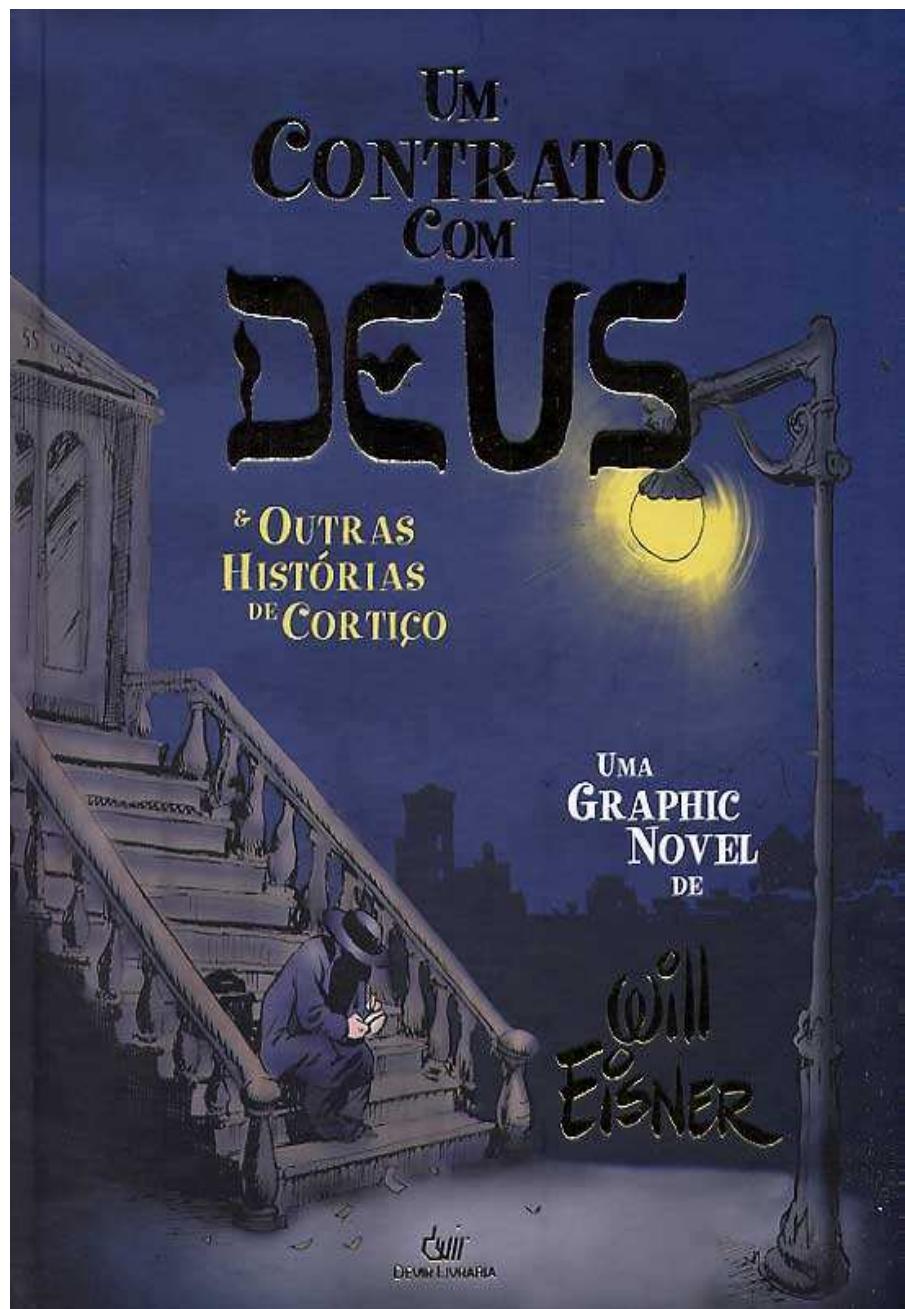
Fonte: <https://encurtador.com.br/o8FBi>. Acesso em: 10 maio. 2024.

2.2.2.5 Graphic novels

Quem difundiu esse nome foi o famoso quadrinista norte americano Will Eisner. Trata-se de um formato que se assemelha a um livro, com histórias mais

elaboradas, de temáticas aprofundadas e com a característica de ser um produto com melhor acabamento gráfico. Na Figura 7 têm-se um exemplo disponível:

Figura 7 – Capa de graphic novel *Um Contrato com Deus*, publicação que definiu esse formato.



Fonte: <https://encurtador.com.br/UgKBz>. Acesso em: 10 maio. 2024.

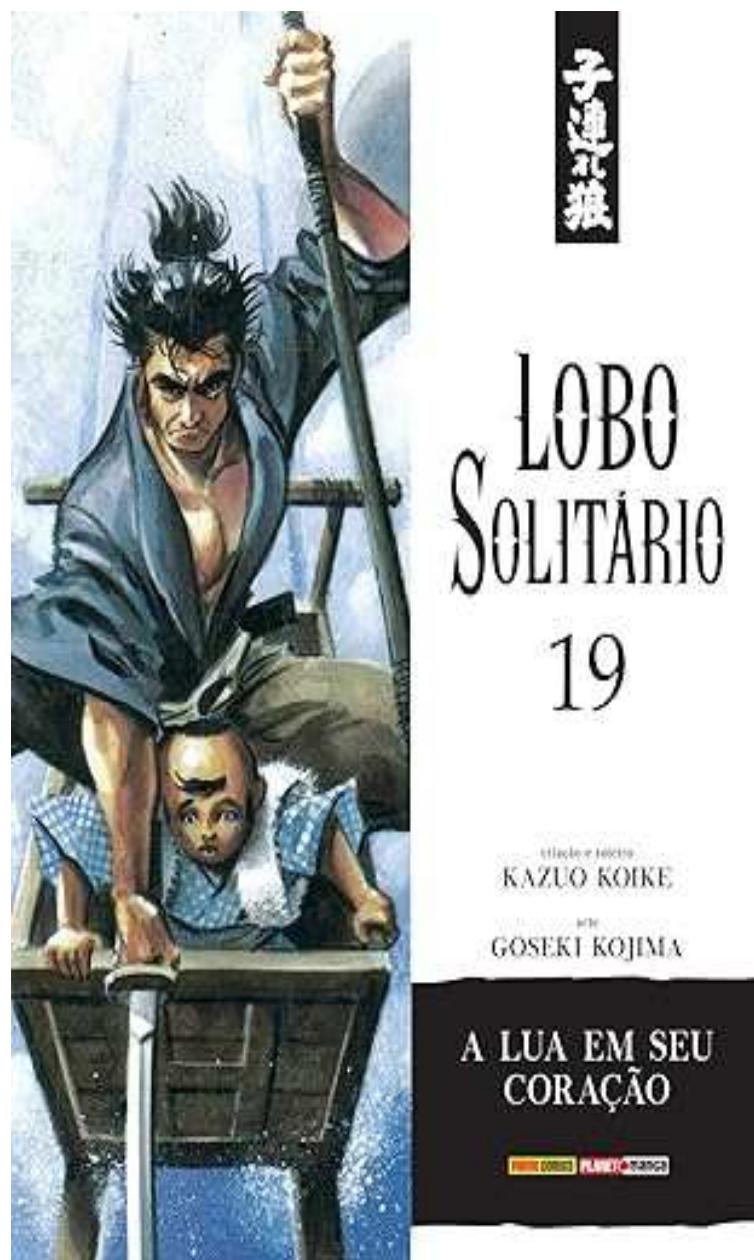
2.2.2.6 Mangá

Brandão (2013, p. 37) nos diz que é um:

[...] termo que designa as histórias em quadrinhos japonesas. Essas HQs são muito populares em todo o mundo. No ocidente, o uso desse termo foi ampliado para além dos quadrinhos em si, sendo aplicado para definir o estilo de traço baseado nos mangás.

Um exemplo pode ser observado na Figura 8:

Figura 8 – Capa do famoso e clássico mangá *Lobo Solitário*. Criação e roteiro: Kazuo Koike e arte de Goseki Kojima.



Fonte: https://m.media-amazon.com/images/I/81nCIN5z6ZL._SY466_.jpg. Acesso em: 10 maio. 2024.

2.2.2.7 Fotonovela

As fotonovelas provam que não é preciso saber desenhar para se comunicar na nona arte. É preciso sim, saber trabalhar com imagens. Não importa se é pintura, gravura, fotografia etc., se você conseguir dispor imagens lado a lado, de uma maneira que elas possam contar uma história, você terá uma HQ.

No caso das fotonovelas, o uso prioritário de imagem é a fotográfica. Abaixo na Figura 9, temos um exemplo de uma página da fotonovela *The Marvel Fumetti¹⁰ Book*, lançada por uma editora chamada “Casa das Ideias”, em 1984. Essa publicação reuniu vários quadrinistas famosos da editora Marvel.

¹⁰ *Fumetti* é o termo que se dá para as fotonovelas nos Estados Unidos.

Figura 9 – Uma das páginas de *The Marvel Fumetti Book* (1984)

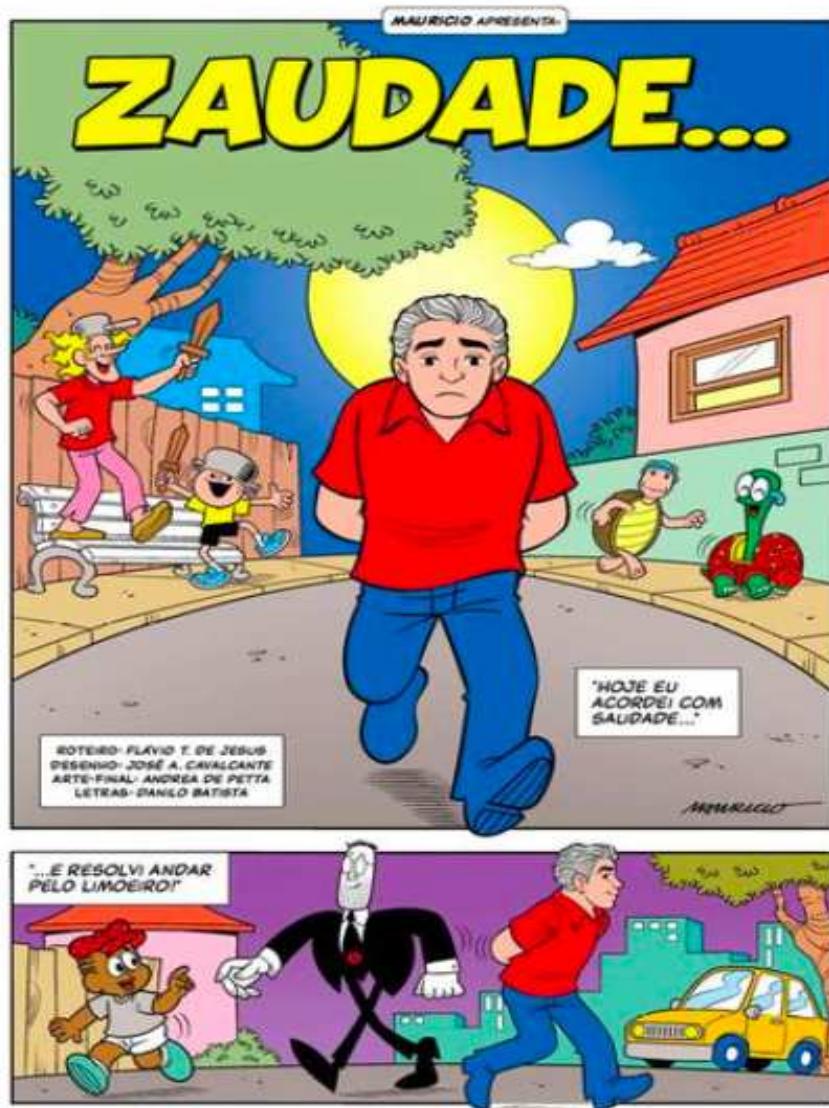


Fonte: <https://encurtador.com.br/Dx5xe>. Acesso em: 10 maio. 2024.

2.2.2.8 Webcomics

São as HQs para o meio virtual. Não se trata apenas de uma alocação das HQs na web, mas, de saber usar esse meio para potencializar a linguagem dos quadrinhos, como a utilização de hipertexto, abas de navegadores, etc., conforme exemplo da Figura 10:

Figura 10 – Exemplo de adaptação dos quadrinhos para a web: os estúdios Maurício de Sousa homenagearam o desenhista Ziraldo (1932 - 2023) como uma história chamada “saudade”, publicada no perfil @turmadamonica na rede social instagram.



Fonte: https://www.instagram.com/p/C6oZp9puF5k/?img_index=1. Acesso em: 10 maio. 2024.

2.2.2.9 Cartum

Cartum é “desenho humorístico, anedota gráfica”, de acordo com Brandão (2013, p. 38). Em geral, uma única imagem tem o objetivo de fazer rir, pensar ou até incomodar. Tem uma forte similaridade estética com a charge, mas possui um caráter mais universal e atemporal. Pode ou não ter palavras. A Figura 11 ilustra o cartum:

Figura 11 – Cartum elaborado pelo cartunista Quino, com a personagem Mafalda.



Fonte: <https://encurtador.com.br/fcK73>. Acesso em: 10 maio. 2024.

2.2.2.10 Charge

Diferente do cartum, a charge não é atemporal. Sobre isso Brandão (2013, p. 38) diz que

[...] “pode ser considerada uma categoria jornalística e tem por finalidade satirizar, por meio de uma imagem, algum acontecimento atual. A palavra é de origem francesa e significa “carga”. A charge, geralmente, tem um efeito regional e é atrelada a algum fato relevante do momento.

Diante disso, a Figura 12 exemplifica a charge:

Figura 12 – Charge elaborada por Clayton, chargista do O POVO



Fonte: O Povo (2018, p. 39).

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

Esta pesquisa dialoga com o campo do ensino de arte e com a metodologia da Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA), pois, segundo Ferraz e Fusari (2010, p. 9), “a melhoria do ensino da arte só pode dar-se com uma consistente preparação estética e artística dos estudantes, formalizadas no estudo das linguagens artísticas, da teoria da arte e da história da arte”. O estudo em questão caracteriza-se como qualitativo, tendo em vista que seu intuito é a análise dos resultados segundo seu significado, e não sua quantificação (Minayo, 2007).

Como aborda Teixeira (2005), nas pesquisas de caráter qualitativo, o pesquisador busca compreender e problematizar um fato ou acontecimento, reduzindo, dessa forma, a distância entre pesquisador e objeto(s) de estudo, o que, por sua vez, possibilita um diálogo mais estreito entre tais sujeitos. Assim, ao pesquisador não basta a mera coleta de dados e sua exposição estatística; é necessário empenhar-se em “compreender as circunstâncias que rodeiam determinada prática, aproximando-se dos sujeitos envolvidos, proporcionando observar especificidades e pormenores invisibilizados em pesquisas quantitativas e macrossociais” (Sousa, 2017, p. 49).

Amparando-se no que defende Yin (2001), esta pesquisa também se configura como um estudo de caso, pois teve como ponto de partida a realidade de uma EMEF, localizada na sede do município de Horizonte, Ceará. Esse fator, no entanto, não compromete a qualidade das discussões, pois o estudo de caso não se preocupa com a quantidade, mas com a profundidade da análise dos dados.

Pesquisas do tipo estudo de caso são valiosas no campo educativo, pois se tratam de “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (Yin, 2001, p. 32), o que viabiliza uma análise qualitativa mais aprofundada.

3.2 Sobre os participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa são quase todos concursados, com exceção de uma professora que se aposentou em 2022, mas voltou a trabalhar temporariamente. Todos são pedagogos, sendo que alguns possuem uma segunda graduação em Matemática, Ciências da Natureza, Língua Portuguesa, dentre outras, mas, o que percebi é que nenhum deles têm uma graduação em artes, nem especializações *lato sensu*, muito menos *stricto sensu* nesse campo. Todos possuem uma especialização *lato sensu*, e somente um tem uma especialização *stricto sensu* em Educação.

A faixa etária dos participantes varia de 40 anos a 63 anos. Foram convidados 11 professores, sendo três do gênero masculino e oito do gênero feminino. Desses, um pertence ao EF – anos finais. Senti-me curiosa para pesquisá-lo, totalizando onze sujeitos. Desses professores, oito responderam ao primeiro questionário entre agosto e setembro de 2024, e todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No dia 11 de outubro de 2024 foi realizado o minicurso, ministrado pelo artista Thyago Cabral, e em seguida enviado o questionário via WhatsApp.

Os professores foram divididos em dois grupos: Regente 1 e 2, que são classificados como Professor Regente 1 (PR1) e Professor Regente 2 (PR2). O PR1 é o professor responsável pelos componentes com maior carga horária, por exemplo: Português e Matemática, com exceção, a partir do Terceiro Ano do EF que ministra também aulas de Arte. O PR2 é um docente que leciona os componentes curriculares com carga horária bem diminuta, sendo incumbidos de ministrar aulas de História, Geografia, Ciências, Ensino Religioso, Educação Física, e, nos primeiros e nos segundos anos do EF, também ministram as aulas do componente curricular Arte. Quase todos os professores do EF – anos iniciais lecionam o componente Arte, exceto os professores regentes I do 1º ano e do 2º ano. E, por último, não menos importante, o docente do EF – anos finais, que leciona aulas dos componentes de Língua Portuguesa e de Arte, também aceitou participar da pesquisa.

Dentre os participantes desta pesquisa, cinco deles são PR1, estão lotados em salas do 3º, 4º e 5º anos do EF, sendo os responsáveis pelos componentes de Língua Portuguesa, Matemática e Arte, enquanto dois são PR2, e estão lotados em

salas de aula do 1º ano, ministrando aulas de vários componentes curriculares, o último é professor do EF – anos finais.

Assim, todos os participantes desta pesquisa lecionam o componente Arte, porém, como dito anteriormente, eles não possuem nenhuma formação na área de Arte, o que por si já contraria a Lei 13.278/2016, que altera a Lei 9.394/1996, e inclui no componente curricular Arte, as artes visuais, a dança, a música e o teatro em todos os níveis da educação básica, estipulando um prazo de cinco anos para que os entes federativos promovam a formação do corpo docente. Os sujeitos em estudo foram denominados com nomes de flores, para preservarmos a identidade deles.

Como demonstrado acima, a Lei 13.278/2016 é clara e assegura o ensino de Arte nas instituições escolares desde a Educação Infantil ao Ensino Médio com professores “especializados” para o ensino de Arte com uma de suas quatro ramificações: artes visuais, dança, música e teatro. O prazo para o cumprimento desse mecanismo legal já ultrapassou quatro anos, e o que se observa até o presente momento, é que nada foi orientado aos professores do Município de Horizonte, local onde moro e trabalho, para que nós docentes façamos uma outra graduação ou uma especialização em Arte.

O Ensino de Arte precisa ser valorizado, e ele tem a sua importância, isso é fato. Recentemente, segundo O Portal de Notícias G1, saiu uma pesquisa do Programa Internacional de Avaliação de Estudante (PISA), sobre o nível de criatividade dos estudantes no mundo. Foi a primeira vez que o PISA incluiu a questão da criatividade em seu processo avaliativo, e os dados obtidos não foram animadores.

Mais da metade (54,3%) dos alunos brasileiros de 15 anos apresentou um baixo nível de criatividade ao tentar solucionar problemas sociais e científicos apresentados em uma prova internacional de conhecimentos [...] A prova, aplicada em 2022 (com atraso, por causa da pandemia), passou a mensurar também a criatividade dos participantes: eles conseguem sugerir soluções originais para uma situação-problema? São capazes de usar a escrita e a arte para representar uma nova ideia? Têm imaginação para criar histórias curiosas e fora do padrão? (Tenente, 2024, p. s/n).

Frente ao exposto, dados como esse só evidenciam a urgência que devemos ter para se investir em formação continuada na área das artes, sendo óbvia a constatação de que não adianta os docentes trabalharem apenas a questão do raciocínio lógico, deixando de lado o desenvolvimento do conhecimento sensível e estético. A implementação da Lei 13.278/2016 já está em atraso, visto que, já se

passaram oito anos desde a sua criação e nada, ou quase nada, foi feito para garantir esse direito.

3.3 Características do *lócus* da pesquisa

A pesquisa foi realizada na EMEF Francisco Xavier de Freitas, situada a Rua Manoel Luiz, nº 1312, no Bairro Buenos Aires 2, na cidade de Horizonte Ceará, a 40 quilômetros da capital do Estado. A instituição foi inaugurada em 4 de março de 2016, inicialmente com seis salas de aulas, mais as salas do administrativo, sendo uma sala para os professores, uma sala para a direção, outra para secretaria, cantina, quatro banheiros, uma minibiblioteca e um laboratório de informática que funcionava como espaço para o ensino regular, totalizando sete salas de aulas, funcionando do 1º ano ao 9º do EF nas turmas manhã e tarde. A fachada atual da escola pode ser vista na Figura 13 a seguir.

Figura 13 – Foto atualizada da EMEF Francisco Xavier de Freitas



Fonte: <https://www.horizonte.ce.gov.br/noticia>, 2023.

Em 2018, os estudantes do EF – anos finais, do 6º aos 9º anos, foram remanejados para as escolas da vizinhança, pois a escola nunca comportou a

quantidade de alunos, as salas eram superlotadas. No início de 2023, começa a funcionar duas turmas de 6º ano do EF – anos finais. Para isso, foi necessário a prefeitura alugar um container, neste período começou o processo de ampliação da escola. Dessa forma, mais seis salas foram construídas e mais dois banheiros para os alunos, sendo que a área administrativa continuou a mesma, até a sala dos professores que necessitava ser ampliada e o laboratório de informática sofreu uma pequena mudança, deixando de ser sala de aula para tornar-se uma minibiblioteca, que funciona como sala de reforço escolar e a que era biblioteca se transformou em uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE). A instituição possui também uma quadra esportiva, estacionamento e parquinhos para as crianças.

Hoje, a escola conta com um corpo docente de 35 (trinta e cinco) servidores e com o total de 677 (seiscentos e setenta e sete) discentes, ofertando até o 8º ano, levando a prefeitura de Horizonte a instalar mais três salas provisórias no estacionamento da escola, o que fez com que o prefeito atual cogitasse a possibilidade de construir mais sete salas de aulas neste ano de 2025. Caso isso ocorra, a escola perderá o espaço para as crianças menores jogarem na hora do intervalo, restando somente o parquinho para os alunos do 1º ao 5º ano e a quadra esportiva para os alunos do 6º ao 8º ano jogarem na hora do intervalo. Sendo os mais prejudicados as crianças pequenas, que perderão seu espaço para jogar futebol, sem contar com o desmatamento de várias árvores que estão plantadas dentro da instituição, que deixam as salas de aulas mais arejadas.

O ideal seria a construção de outra escola no bairro vizinho, ou remanejar alguns alunos para as duas escolas vizinhas, enquanto não finaliza a construção da escola nova. Assim, diminuiria a lotação da Francisco Xavier de Freitas e a prefeitura não necessitava pagar transporte para trazer os alunos do bairro vizinho para estudar na referida instituição. Sem contar na segurança das crianças estudarem perto de casa, pois são muito pequenas para se deslocarem na BR 116 até chegar à escola e a creche vizinha. Tudo isso ocorreu por causa do inchaço populacional nos arredores da escola, devido à construção de 280 casas no entorno da instituição e a escola não estava preparada para comportar a quantidade de alunos que ainda chega à procura de vagas.

As turmas estão divididas da seguinte forma: cinco 1º anos (A, B, C, D e E); cinco 2º anos (A, B, C, D e E); quatro 3º anos (A, B, C e D); quatro 4º anos (A, B, C e D); quatro 5º anos (A, B, C e D); três 6º anos (A, B e C); três 7º anos (A, B e C);

três 8º anos (A, B e C). Ao total são 30 turmas, distribuídas em 12 salas de aulas e três provisórias funcionando no estacionamento da escola. No que concerne à estrutura física da escola, podemos afirmar que ela se encontra em “perfeito estado de conservação”, além de ser nova, já passou por uma reforma e uma ampliação na sua planta geográfica, mas ainda nos faltam alguns itens, por exemplo: ar-condicionado para cinco salas de aulas, pois não é justo sete salas de aula climatizada e as outras não. Também se faz necessária a ampliação da sala dos professores, que no momento é insuficiente para a quantidade de professores.

3.4 Aplicação do minicurso *Possibilidades de uso das histórias em quadrinhos em sala de aula*

Este procedimento destina-se aos professores pedagogos que lecionam o componente Arte, bem como a qualquer docente que integra a EMEF Francisco Xavier de Freitas. Metodologicamente, a estrutura dessa formação foi organizada com base nos preceitos da Abordagem Triangular (AT), desenvolvida por Barbosa (1999). Segundo Barbosa *apud* Ferraz e Fuzari (1999, p. 35), a AT “tem por base um trabalho pedagógico integrador de três facetas do conhecimento em arte: o ‘fazer artístico’, a ‘análise de obras artísticas’ e a ‘história da arte’”.

De acordo com a AT mencionada anteriormente, o saber fazer artístico é essencial, mas deve estar contextualizado com o conhecimento histórico e a apreciação das obras de arte, das imagens e dos objetos. Apenas dominar a técnica da construção não é suficiente para atingir a plenitude do ser. No entanto, observa-se uma confusão nesse sentido, pois há, por parte da sociedade, uma supervalorização do saber construir objetos, sem a devida valorização das outras dimensões da abordagem triangular.

Nesse ínterim, vale destacar a colaboração do artista Thyago Cabral, que generosamente doou seu tempo deslocando-se de Fortaleza a Horizonte para ministrar o minicurso.

A formação foi viabilizada por meio da gestão da escola, que prontamente aceitou o convite, assinando a carta de anuência. Assim, solicitamos um espaço no momento de formação dos professores, denominado Planejamento Coletivo, realizado em 11 de outubro de 2024. Na ocasião, a pesquisa foi divulgada a todos os funcionários presentes. Antes disso, convidei onze professores com os quais possuo

maior afinidade, o que não impediu a participação de outros docentes interessados. Todos aqueles que manifestaram interesse foram bem-vindos.

Dos onze docentes convidados, apenas oito responderam à primeira etapa da pesquisa. Contudo, todos os funcionários presentes no Planejamento Coletivo participaram da segunda etapa, com exceção de um, que não pôde comparecer no período vespertino. Aos docentes interessados, foi estabelecido um primeiro encontro para apresentar a pesquisa e esclarecer seus objetivos. Após esse momento, confirmamos suas participações e explicamos a necessidade de responder a um questionário sobre suas percepções em relação à arte e ao minicurso.

O questionário usado encontra-se na área de Apêndice, para consulta. Consideramos a aplicação do questionário como o primeiro passo de execução de nossa pesquisa no *lócus*. O TCLE sobre os princípios éticos dispostos pela Resolução de nº 510/2016 (Brasil, 2016), que trata sobre as questões éticas, especialmente quando esta envolve seres humanos. Foi assegurado o anonimato das falas dos participantes, que contaram com maior liberdade para discorrer sobre as perguntas do questionário.

3.4.1 Estrutura do minicurso: a fase da contextualização

Como ressaltamos, o minicurso foi organizado segundo a AT de Barbosa (2008), no dia 11 de outubro de 2024, começamos com o momento de Contextualização.

A contextualização propõe que se contextualize a obra de arte não só pela via histórica, mas também, social, biológica, psicológica, antropológica etc, pois contextualizar não é só contar a história de vida do artista que fez a obra, mas também estabelecer relações dessa ou dessas obras com o mundo ao redor, é pensar sobre a obra de arte de forma mais ampla (Bastos, 2008, p. 144).

Como se percebe, a contextualização direciona o olhar para as obras de arte, o que não representa nenhum problema para nós, considerando que as HQs são reconhecidas como a Nona Arte. Essa categorização foi criada pelo crítico francês Claude Baylie, em 1964, consolidando os quadrinhos como uma legítima expressão artística. Quadrinhos e tiras são manifestações visuais, elaboradas majoritariamente

por meio da linguagem do desenho, o que nos permite estabelecer uma conexão legítima com o universo das artes visuais. Além disso, os quadrinhos, enquanto fenômeno de comunicação de massa, são fruto da indústria cultural, o que também os caracteriza como uma arte aplicada.

Dessa forma, como o minicurso tem como objetivo principal refletir sobre o uso dos quadrinhos em sala de aula, nesta primeira etapa, foram apresentados, de maneira sucinta, aspectos históricos, definições, elementos fundamentais de sua estrutura, seus gêneros e sua presença na contemporaneidade. Além disso, destacamos a diferença entre tiras, cartum, charge e caricatura, sendo estes três últimos integrantes do universo do humor gráfico. Como se pode perceber, a contextualização é um momento fundamental para evidenciar que as artes visuais e gráficas não estão dissociadas dos acontecimentos sociais, históricos, políticos e econômicos. Esse momento se revela enriquecedor, pois demonstra ao professor como o docente de Arte atua de forma científica, expondo as artes como poderosos meios de produção de conhecimento e como ferramentas que preparam corpo e mente para enfrentar desafios e buscar soluções criativas e dinâmicas na vida em sociedade.

O minicurso foi amplamente aceito, não apenas pelos professores da Escola Francisco Xavier de Freitas, mas também pelo núcleo gestor e pelos estagiários da instituição. Todos participaram ativamente dos três momentos do curso: fruição, contextualização e produção, demonstrando interesse e curiosidade sobre a aplicação das HQs em sala de aula. Durante a etapa de produção, alguns participantes mencionaram não saber desenhar, mas, ao se desafiarem e colocarem a “mão na massa”, surpreenderam-se positivamente. No final, sentiram-se felizes e orgulhosos por terem alcançado os objetivos do minicurso.

3.4.2 Estrutura do minicurso: a fase da fruição

No segundo momento, foi ministrado a etapa de Fruição da AT de Barbosa (1998). Conforme Barbosa (1998, p.40):

Leitura da obra de arte é questionamento, é busca, é descoberta, é o despertar da capacidade crítica, nunca a redução dos alunos a receptáculos das informações do professor, por mais inteligentes que sejam. A educação cultural que se pretende com a Proposta Triangular é uma educação crítica construída pelo próprio aluno, com a mediação do professor, acerca do mundo visual e não uma “educação bancária”.

A etapa de fruição representa o momento em que os participantes mergulham nas obras de arte ou, neste caso, no universo das HQs e em seus mais variados estilos. Durante essa imersão, o ser humano é intensamente afetado, pois tanto as obras de arte quanto os quadrinhos despertam emoções, mobilizam funções cognitivas e possibilitam a construção do conhecimento. Isso ocorre porque, ao fruir arte, simultaneamente nos emocionamos e aprendemos. Como destaca Pougny (2011, p. 34): “a fruição mobiliza diversas aptidões emocionais ou capacidades que regulam o autoconhecimento e a relação do sujeito com os outros, como por exemplo, saber lidar com os sentimentos e saber expressá-los”.

Além disso, observamos o impacto que o professor pode gerar em sala de aula. Para proporcionar momentos significativos de fruição, é essencial que ele transmita aos estudantes o amor pela arte, encantando-os a partir de sua própria postura. Para isso, é necessário conhecer, apaixonar-se verdadeiramente pela história da arte e estar aberto a estudar e adquirir conhecimentos científicos que possam influenciar e inspirar seus alunos.

Durante a etapa de fruição, os participantes tiveram contato com quadrinistas e chargistas cearenses, o que se revelou particularmente relevante. Isso porque entendemos que a fruição se torna ainda mais significativa quando trabalhamos o “glocal” — isto é, a valorização da cultura local, mesmo que esta dialogue com outras culturas nacionais e internacionais. Um dos materiais essenciais nesse processo formativo foi o resgate da publicação *Quadrinhos em Sala de Aula*, da Fundação Demócrito Rocha. Esta instituição sem fins lucrativos, criada pelo Grupo O Povo de Comunicação, tem como objetivo promover a educação, a cultura, a tecnologia e a cidadania no Nordeste. O projeto *Quadrinhos em Sala de Aula* busca integrar os quadrinhos ao processo educacional, oferecendo uma plataforma com videoaulas, fascículos e cursos sobre o tema. Seu grande diferencial está no fato de ter sido idealizado e desenvolvido prioritariamente por cearenses, reforçando um olhar particularizado sobre o uso dos quadrinhos no contexto local.

Como são muitos os artistas cearenses que integram o projeto *Quadrinhos em Sala de Aula*, nossa formação trabalhou o processo de fruição, a partir das produções de charges, cartuns, caricaturas e quadrinhos, do artista plástico Thyago Cabral.

Figura 14 – Thyago Cabral em entrevista ao Jornal Diário do Nordeste



Fonte: Diário do Nordeste (2020).

De acordo com a sua biografia, em uma das publicações do projeto *Quadrinhos em Sala de Aula*:

Thyago Cabral é artista visual, sócio-diretor do Baião Studio, professor do curso de Games do Porto Iracema das Artes. Acadêmico do curso de Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Um dos organizadores do *Baião Ilustrado*, evento de ilustração de Fortaleza. Trabalha com mídias digitais, quadrinhos, murais e facilitação gráfica. Principais Publicações: *Antologia HQ* (EDR), *O Couro do Ovo* e um texto no livro *Vida de Estagiário* do cartunista Allan Sieber. Principais Exposições: Festival Internacional de Humor de Recife (PE), Festival Internacional de Humor de Caratinga (MG), Prêmio CDL de Comunicação, Festival Inspiracion Fest Buenos Aires (Argentina), Festival Internacional de Arte Urbana - Concreto (Netto, 2018, p. 16).

Thyagão é um artista que possui versatilidade no traço. Na Figura 15 temos um exemplo de uma charge sua feita para o veículo jornalístico local Diário do Nordeste.

Figura 15 – Charge do @diariodonordeste



Fonte: Instagram - @historiassemquadrinhos (2024).

O artista atua em várias frentes: arte urbana, tiras de quadrinhos, facilitação gráfica. Na Figura 16 temos a imagem de um grafitti com a caricatura do cantor cearense Belchior. A esse trabalho, Thyagão nomeou de Acum grafittilchior, facilmente encontrado nas ruas de Fortaleza, capital do Ceará.

Figura 16 – Intervenção urbana #achoquevibelchior



Fonte: Instagram - @thyagocnc (2023).

Como não poderia ser diferente, Thyagão também atua como quadrinista, seja por meio de publicações independentes ou em grandes veículos de mídia. Um exemplo interessante de sua criação no universo das tirinhas em quadrinhos é a maneira como ele mescla temas políticos e sociais — comumente abordados na charge — à própria linguagem dos quadrinhos. Essa fusão pode ser observada na figura 17, uma charge de sua autoria que trata das questões do bullying e do racismo no Brasil, publicada no veículo jornalístico local *Diário do Nordeste*.

Figura 17 – Charge na forma de tiras de quadrinhos



Fonte: Instagram - @historiassemquadrinhos, 2021.

3.4.3 Estrutura do minicurso: a fase da produção

Nessa fase, estabelecemos os passos práticos de construção de uma charge, com materiais diversos como fotografias, revistas velhas, cartazes, fotocópias, lápis, canetas coloridas, cola bastão e papéis sulfite no tamanho A4. Após a fase de contextualização e fruição, partimos para a definição de alguns pontos centrais, conforme aponta o livro *Efeito HQ*, no sentido de organização sobre as produções.

A explicação de como se pode utilizar a linguagem dos quadrinhos tem que ser de forma simples para que em apenas uma aula já se tenha a primeira noção. Para isso é necessário desenvolver junto aos alunos as seguintes fases: A - Escolher um tema. B - Desenvolver uma ideia. C - Desenvolver

personagem central e outros da história. D - Desenvolver um roteiro [...] F - Escolher o cenário inicial e depois os outros na sequência. G - Iniciar a diagramação [...] - Desenhos a lápis 1 - Colocação dos textos nos balões J - Arte final com caneta hidrocor preta. K - Colorização que pode ser no computador ou à mão (Luyten; Lovreto, [s.d.], p. 25).

Conforme mencionado anteriormente, trabalhamos com uma das temáticas abordadas junto aos docentes participantes. Ao final do processo, cada participante apresentou seu trabalho, e, nesse momento, discutimos como o saber em Arte se distancia completamente dos clichês pedagógicos que dificultam a compreensão sobre como ministrar o componente Arte na contemporaneidade. Após essas considerações, aplicamos um questionário final com o objetivo de verificar se as percepções desses professores sobre a Arte e seu ensino foram modificadas ao longo da formação ou se permaneceram inalteradas.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta seção encontra-se dividida em três tópicos, com vistas a melhor organização da apresentação e da discussão dos resultados. No primeiro momento, problematizam-se os dados coletados mediante os questionários respondidos pelos professores, seguido das nossas percepções sobre a interação dos professores no momento do minicurso e, *a posteriori*, se debruça sobre a pergunta norteadora: Qual é a percepção dos professores acerca do componente Arte, a partir de uma formação em artes visuais, cuja metodologia usa as HQs?

4.1 Resultados do questionário aplicado junto aos professores antes da realização do minicurso

Analisou-se as compreensões dos professores sobre o que eles entendem por arte, antes da realização do minicurso, para se ter um retrato de suas convicções e constatarmos se a grande maioria entende o significado de arte, como demonstram as percepções a seguir.

A professora Orquídea (Orquídea, 2024) comprehende que arte “é toda forma de expressão artística que a pessoa faz, que leva a contemplar pelas artes visuais, pela visão, entender e compreender uma expressão artística”.

Por outro lado, Tulipa (2024) discorreu que “arte é uma gama diversificada de atividades humanas que envolve talento, criatividade ou imaginação”. Para Melissa (2024), por sua vez, “a arte é uma expressão subjetiva da criatividade humana”.

Já Jasmin (2024) comprehendo arte como sendo a “expressão de um ideal estético através de atividades criativas e lúdicas”. Enquanto Iris (2024) descreveu a arte como uma “forma de criar em diversas formas, seja através da pintura, da música, da expressão corporal, então a arte é uma forma ampla de expressar o belo, de expressar o sentimento, de expressar a criatividade”.

Observamos que a maioria dos professores sabe o significado de arte, mas ainda nos deparamos com o significado de arte como um campo do fazer, de certa forma, tecnicista, devido ao domínio da habilidade. Porém, a arte não é só isso, a arte vai além do saber fazer, ela realmente desperta, mas faltou entendimento que ela também gera conhecimento e alguns ainda demonstram compreender a arte de forma mecanicista, focando na produção de algo, para entregar um produto pronto e

acabado à sociedade, como demonstrou os participantes como Violeta (2024), que descreveu a arte como sendo “uma forma de expressar, de maneira criativa, alguma habilidade, como por exemplo: pintar, desenhar, dançar, cantar etc” e Dália (2024), descreveu a arte como sendo “uma pessoa que desenvolve sua cultura em diversos aspectos”.

A maioria dos participantes comprehende a Arte como um campo expressivo, porém, alguns ainda a associam exclusivamente à presença de habilidades técnicas. Essa visão limita a Arte a um viés tecnicista, no qual o aprendizado se baseia na reprodução e na cópia de determinadas habilidades. No entanto, essa perspectiva contraria a AT proposta por Barbosa, que enfatiza que a Arte não se restringe apenas à habilidade ou à expressão, mas também envolve a reflexão crítica e a produção de conhecimento.

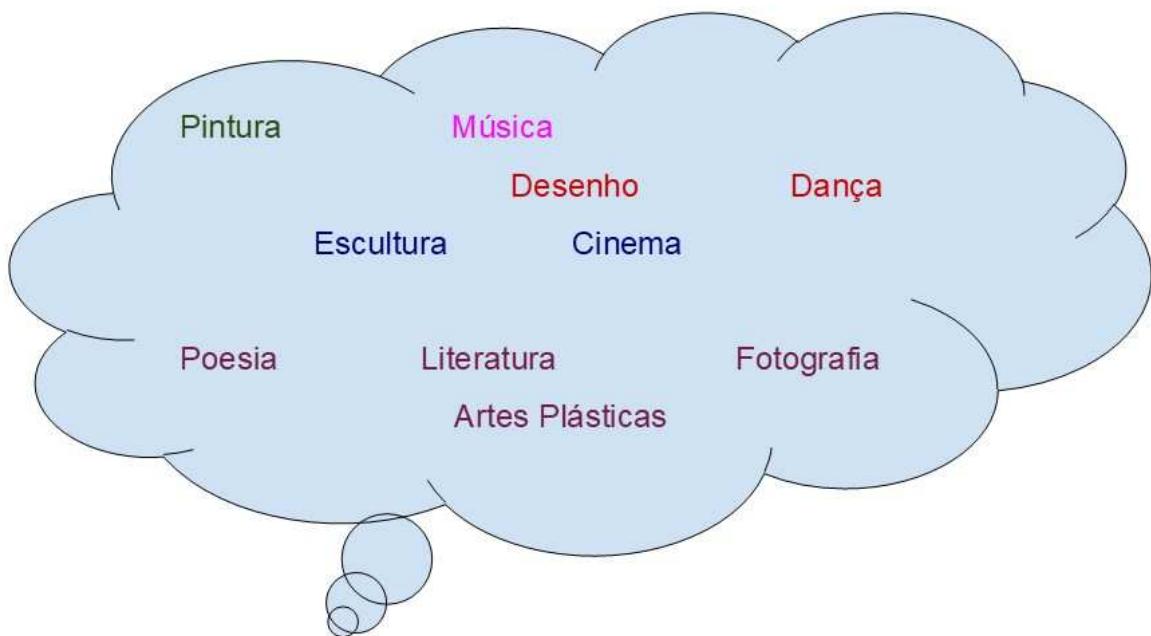
Nessa perspectiva, para Margarida (2024), arte é uma

[...] forma de expressão humana que envolve a criação de objetos, performances e experiências que transmitem ideias, emoções, significados. A arte tem evoluído ao longo do tempo e é influenciada por contextos culturais, filosóficos e históricos. Além de ser um meio de expressão individual, a arte também pode ser um agente de transformação social e política. A arte pode se manifestar em várias disciplinas, como: Pintura, escultura, música, dança, teatro, cinema, literatura entre outras.

No relato da Margarida, percebe-se que ela é quem mais se aproxima da perspectiva da abordagem triangular, quando discorre que a arte “é influenciada por contextos culturais, filosóficos e históricos”, pois se aproximou do conceito social e político da arte como sendo um agente transformador.

Em relação à segunda questão do questionário – Quais as formas de arte vocês mais apreciam? Por quê? – observamos uma diversidade de respostas, conforme pode ser notado na Figura 18.

Figura 18 – Nuvem de palavra 1



Fonte: Elaboração própria (2025).

Os participantes da pesquisa responderam diversas formas de arte e pelas palavras da nuvem é observado que eles têm preferência pela pintura e pela música, pois foram as formas mais citadas por eles. Neste mesmo sentido, Jasmin (2024) asseverou que as formas de arte que mais aprecia são: “pintura, escultura, dança, cinema, música” e ainda justificou “ser por causa da sensação que sente e a emoção ao ver e ao ouvir”. Já para Violeta (2024), as formas que mais lhe chamam atenção “são desenho e pintura”, porque são habilidades que a encantam. Observa-se, nas justificativas acima, que a visão pautada na habilidade e pela técnica está mais ligada a Violeta do que a Jasmin.

Em relação à terceira questão, quando foram indagados se estudaram arte na escola e como eram as aulas, todos responderam que sim, mas, para alguns, essa experiência foi superficial, sempre direcionada a produção pela cópia de desenhos e pinturas, como demonstram alguns depoimentos a seguir.

“A gente fazia muita colagem, muito desenho. Eu aprendi a desenhar foi muito nas aulas de artes, quando eu era criança” (Orquídea, 2024). Orquídea tem a compreensão de que aprender arte é dominar uma técnica de desenho, ora, sabemos que hoje, esse entendimento não dialoga com o que se pensa sobre ensinar arte na contemporaneidade.

“Lembro pouco das aulas de arte, mas eram sempre direcionadas a desenhos e a pintura, pinturas e desenhos já pré-existentes” (Violeta, 2024). Violenta reforça a ideia de que a cópia feita pelo desenho e a pintura de observação, era a compreensão que seus professores tinham sobre a arte e o ensinar arte, ou seja, de que ao copiar, os alunos desenvolveriam certas habilidades e, assim, se tornariam artistas de verdade. Ledo engano.

Sim, a professora no início do ano pedia um caderno de desenho e neste caderno tinha uma folha transparente onde as crianças tiravam os desenhos de outra gravura referente ao desenho que ela queria receber na aula seguinte e dava nota pela criatividade na pintura (Tulipa, 2024).

Novamente, aqui se lê como muita transparência, a crença de que uma boa arte, só existiria pela cópia não pela expressividade, criatividade e inventividade. Como também demonstram as afirmativas de Margarida (2024), ao afirmar que “eram desenhos prontos para pintar, as aulas eram centradas na técnica da pintura, sem relação com a teoria e a prática. Os trabalhos artísticos eram pinturas, por meio de imitação de desenhos”, e de Melissa (2024), que expôs que “na forma visual muito superficial: pintura, desenhos, já pré-existentes”.

Na próxima questão, pretendíamos saber se eles relembravam de algum sentimento nas aulas de arte, conforme demonstrado na Figura 19. Nesta questão, é visto uma sintonia, semelhante ao que falamos anteriormente, pois os professores tendem a repetir as metodologias parecidas com a época em que eram estudantes da educação básica, ou seja, reproduzem o que aprenderam nos bancos escolares.

Figura 19 – Nuvem de palavras 2



Fonte: Elaboração própria (2025).

Com base nas respostas dos professores, criamos uma nuvem de palavras com os sentimentos que eles relembraram ao pensar nas aulas de Arte na escola básica. Cada docente expressou emoções diferentes, sem repetições entre as respostas. Duas dessas palavras merecem destaque: “reprodução de padrões” e “incapacidade”. No caso da reprodução de padrões, compreendemos que a professora de Arte da Melissa apenas replicou a forma como aprendeu, um fenômeno ainda comum atualmente. Isso ocorre quando não há consciência sobre o uso metodológico da AT ou sobre as múltiplas possibilidades de ensinar Arte sem recorrer exclusivamente à cópia e à técnica. Muitas vezes, acabamos apenas reproduzindo aquilo que nossos professores nos ensinaram, sem desenvolver um olhar crítico e reflexivo sobre o ensino da Arte.

Já para a palavra incapacidade, a professora Tulipa justificou o seu sentimento afirmando: “incapacidade, pois não conseguia cobrir bem o desenho e, muito menos, pintar conforme a professora queria”. Para esta professora, a arte era vista somente como cópias de desenhos já prontos para pintar “perfeitamente” sendo que, não havia liberdade criativa do próprio aluno, muito menos, a devida fruição e apreciação daquilo que ele fazia, ou seja, ele não criava e sim, copiava.

Em relação à quinta questão do formulário, nosso objetivo foi identificar a área de formação dos professores, o ano de conclusão do curso e os componentes curriculares que lecionam. Como respostas, obtivemos o seguinte panorama: seis docentes são formados em Pedagogia, com graduação concluída entre 2002 e 2023. Desses, quatro têm a Pedagogia como sua primeira formação, enquanto dois a possuem como segunda graduação. Além disso, dois professores são formados em Letras (ambos em 2002), sendo que um deles também possui formação em Pedagogia. Outro professor é graduado em Ciências da Natureza e Matemática (2002) e, posteriormente, concluiu Pedagogia em 2023.

Uma das respostas não foi direta, pois o docente apenas indicou que leciona "do 1º ao 9º ano", sem especificar os componentes curriculares. Acreditamos que a pergunta estava clara e objetiva, sem margem para dúvidas, visto que solicitava informações específicas. Segue abaixo a quinta questão aplicada a todos os professores: Qual sua área de formação? Ano de formação? E quais componentes curriculares você leciona?

Ao analisar a área de formação dos professores participantes, observou-se que a maioria possui uma segunda graduação ou habilitação em outras áreas do conhecimento. No entanto, nenhum deles possui formação específica em Artes. Esse dado pode estar diretamente relacionado à desvalorização do componente Arte nos entes federativos, especialmente no âmbito municipal, que não orientou nem proporcionou nenhuma formação sobre as determinações da Lei 13.278/2016.

Essa legislação estabelece que o componente curricular Arte deve abranger as artes visuais, a dança, a música e o teatro em todos os níveis da educação básica, além de exigir a formação adequada dos docentes que lecionam essa disciplina. A lei estipulou um prazo de cinco anos para que os entes federativos promovam a formação do corpo docente em artes, mas, até o momento, essa exigência parece não ter sido plenamente atendida no contexto analisado.

No que concerne aos componentes curriculares ministrados pelos professores, observou-se que cinco docentes lecionam Língua Portuguesa, Matemática e Arte. Outros dois atuam nos componentes de Arte, História, Geografia e Ensino Religioso. Apenas um professor é responsável por Português e Arte nos 6º e 7º anos do EF – Anos Finais.

Dos oito professores que responderam ao primeiro questionário, todos ministram aulas de Arte. Dentre eles, sete são polivalentes (lecionando em mais de uma área) e apenas um atua por área específica.

O curso de Pedagogia foi o mais citado entre as formações, o que pode ser justificado pelo fato de ser a graduação exigida para atuar no EF – Anos Iniciais e na Educação Infantil. Além disso, muitos desses professores também possuem uma segunda graduação que os habilita a lecionar no Ensino Médio.

A ausência de formação específica em Arte entre os docentes reforça a necessidade de implementação da Lei 13.278/2016 por parte da Secretaria de Educação. Caso essa legislação fosse devidamente aplicada, os professores poderiam ser incentivados a buscar especializações ou pós-graduações na área de Arte, assim como já fizeram com outras graduações além da formação inicial. A mesma exigência que hoje se aplica à Pedagogia deveria ser efetivamente aplicada ao componente curricular Arte, garantindo que todos os professores que lecionam essa disciplina possuam formação específica na área, conforme prevê a legislação vigente.

Para a sexta questão, quando foram indagadas se estudaram disciplinas de arte na formação profissional, a maioria dos professores respondeu que não cursaram nenhuma disciplina direcionada ao ensino de arte quando estavam se preparando para o magistério, exceto o professor que leciona no 6º e 7º anos, visto que é formado em Letras, mas não é formado em Artes, só cursou disciplinas direcionadas ao ensino das artes. Como ela descrevera: “Linguagens e Códigos: Língua Portuguesa e Arte”.

Observamos, também, que a grande maioria estudou entre 2002 e 2010, ano que ainda não era obrigatório ter cadeiras de arte nos cursos de Pedagogia. Todavia, em 2023, um dos sujeitos fez uma complementação em Pedagogia¹¹ e, mesmo assim, não cursou nada direcionado ao ensino das artes, o que só demonstra a falta de valorização para o componente Arte nas instituições de ensino superior, falta de compromisso e falta de fiscalização nos cursos de formação para professores. Talvez, por ser uma complementação de estudo em Pedagogia, não ofereçam

¹¹ É um curso adicional que prepara profissionais com formação superior para atuar como professor do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental – anos iniciais.

disciplinas direcionadas às artes, mas deveria estar entre os principais assuntos, justamente por ser uma complementação.

Complementando a questão anterior, partimos agora para a formação continuada, que também é responsabilidade dos profissionais da educação e dos entes federativos, que no formulário é a sétima questão. Todos responderam que não recebem formação direcionada para o componente Arte, até mesmo o sujeito que é formado por área e leciona Arte nos 6º e 7º anos do EF. Como assevera (Orquídea, 2024), “também não, não recebo nenhuma formação para o ensino das artes. Sou eu que busco pesquisar para dar algumas aulas”.

Mais uma vez, confirma-se a falta de valorização do componente curricular Arte por parte dos entes federativos. Além da orientação aos profissionais da educação, seria essencial que houvesse subsídios para que todos os professores da educação básica pudessem se especializar em nível lato sensu ou stricto sensu na área de Artes.

Essa realidade também se reflete na fala da professora Orquídea, que destaca como as aulas de Arte, muitas vezes, ficam soltas e sem direcionamento, permitindo que o professor conduza as atividades de forma improvisada. Isso ocorre porque, quando não há uma formação adequada nem um planejamento estruturado, os docentes acabam recorrendo a atividades aleatórias apenas para cumprir a carga horária.

No tocante a oitava questão do questionário, buscamos identificar se os professores reconheciam as HQs como uma forma de arte. Todos os respondentes afirmaram que sim, mas nenhum mencionou as HQs como a Nona Arte, categoria estabelecida pelo crítico francês Claude Beylie em 1964.

Isso fica evidente nas respostas de alguns participantes, como Jasmin (2024), que justificou sua resposta dizendo: “sim, porque narra uma história, tem desenhos e textos em sequência”. Já Iris (2024) acrescentou outra perspectiva: “sim, porque é uma forma de expressar a criatividade, através do desenho, do humor e da palavra”. Essas respostas demonstram que os docentes reconhecem as HQs como uma expressão artística, mas não possuem um aprofundamento teórico sobre sua categorização no campo das artes.

Para a nona questão – Como você ministra uma aula de arte? Se fosse usar as HQs nessa aula, como você procederia do ponto de vista metodológico? – obtivemos essas respostas dos partícipes: “Quando trabalho o gênero textual HQs,

procuro levar revistas, gibis, gravuras para introduzir as explicações, facilitando a compreensão do gênero” (Violeta, 2024); “Eu uso a arte nas minhas aulas de Matemática e Português” (Melissa, 2024); “Leitura de diversas HQs, aula expositivas dos conceitos, debater e composição de mural” (Jasmin, 2024); “Usaria a roupa dos personagens colocando máscaras para os alunos identificarem” (Dália, 2024). Para além dessas respostas, houve também as apresentadas na sequência:

Eu dou exemplos de algumas HQs, falo também das tirinhas, como é que funciona, como é que usa os quadrinhos. Eu tento esclarecer bem para poderem fazer uma boa criação na criação de artes com a HQ. Eu tento me expressar bem para eles para poder se expressar bem no desenho, né? No desenho e na leitura, na escrita. A criação textual, né? Da produção de texto (Orquídea, 2024).

Organizo a sala de aula em forma de círculo e levo para a sala aula um assunto que vem no livro de arte e juntos dialogamos um pouco sobre o assunto, em seguida peço que forme duplas e que cada uma dupla irá mostrar através de diagramas uma conversa sobre o que entendeu da aula (Tulipa, 2024).

Ministrar uma aula de arte envolve planejar uma experiência criativa e interativa que desperte o interesse e a expressão dos alunos, são várias etapas... Trabalhar com HQs em sala de aula envolve a aplicação de expressão criativa dos alunos. Planejamento de aula de criação de história em quadrinhos, desenvolver habilidades de narrativas visual e técnica de desenhos e criar uma história em quadrinho no coletivo. As aulas de artes precisam ser mais envolventes e produtivas, permitindo que os alunos explorem sua criatividade (Margarida, 2024).

Faria uma abordagem sobre a origem dos quadrinhos, destacando a linguagem mista, as expressões faciais dos personagens ,que representam os desenhos de cada texto (Iris, 2024).

Dos oito professores questionados, cinco afirmaram que já ministraram aulas utilizando as HQs. No entanto, observamos que quatro deles não compreenderam completamente o objetivo da pergunta. A professora Dália, por exemplo, confundiu as modalidades artísticas, associando sua resposta ao teatro, e não às artes visuais. Já Tulipa não conseguiu estabelecer uma conexão entre as HQs e suas práticas pedagógicas, demonstrando dificuldade em visualizar como utilizá-las em suas aulas.

A professora Violeta afirmou que trabalha o gênero textual HQs, o que não está incorreto, mas evidencia uma compreensão restrita, pois as HQs não são apenas um gênero textual, mas também uma forma de arte, reconhecida como a Nona Arte. Da mesma forma, Jasmin não conseguiu sistematizar como desenvolver uma

produção de HQs em sala de aula, o que sugere falta de formação específica sobre o uso dessa linguagem.

Essas respostas indicam que as HQs são utilizadas pelos professores apenas como um complemento e não como elemento central do ensino, revelando desconhecimento sobre sua produção e linguagem. Isso contrasta com a realidade, pois as HQs estão presentes nos livros didáticos de praticamente todos os componentes do currículo escolar. Ainda assim, os professores não recebem formação adequada para ministrar esse conteúdo de forma estruturada no componente Arte.

Outrossim, a última questão do questionário investigou como os docentes avaliam a valorização do componente Arte ao longo de sua trajetória profissional. Dos oito professores, apenas um se omitiu a responder essa pergunta. A seguir, apresentamos as respostas obtidas: “Seria 10, porque a arte é um talento que os alunos adquirem em sala de aula para um desempenho profissional” (Dália, 2024); “Eu vejo a arte até na resolução de uma atividade do cotidiano, como a arte é uma expressão subjetiva, pouco se dá valor, porque poucos sabem apreciar ou tem sensibilidade para tal exercício” (Melissa, 2024). Ademais, também foram apresentadas as respostas a seguir:

Eu atribuo nota 10 para a valorização do componente curricular, a arte, porque é nessa arte, nessa atividade que a gente desenvolve a criação, a imaginação, como ampliar a imaginação da criança na arte, porque eles adoram a obra de arte, as crianças. A primeira coisa é essa, quando dizem que é uma obra de arte é que eles dão pulo de alegria. Então assim, eu acho nota 10 essa valorização, porque, exatamente por isso, porque estimula a criação, a compreensão, a imaginação, é tudo de bom, leva as crianças aqui a um nível elevado. Quando eles produzem os desenhos que eles vêm trazer para nós, eles vêm com muita vontade. O que significa cada uma das coisas quando é com desenhos, quando é com colagem, recorte aí que é mesmo, que eles gostam mesmo (Orquídea, 2024).

Nota dez, pois o componente Arte é fundamental em sala de aula, porque contribui para o desenvolvimento integral dos alunos, pois estimula a expressão criativa permitindo que os alunos explorem seus ideais e sentimentos de maneira única. Ela não só enriquece a experiência educacional, mas também forma indivíduos mais criativos, críticos e empáticos, prontos para enfrentar os desafios do mundo (Margarida, 2024).

Acreditamos que a pergunta foi mal interpretada, pois a palavra valorização foi confundida com a importância do componente Arte, pois quatro dos oito professores responderam sobre a importância do componente, como demonstram os achados acima. Apesar disso, mesmo sem formação inicial e continuada em artes,

os professores destacaram o quanto é importante às aulas do componente curricular Arte para o desenvolvimento dos alunos.

Somente três professores, compreenderam a questão em estudo, pois responderam que não eram valorizados, não recebiam formação e que era também muito esquecido, como demonstram os relatos a seguir: “atribuiria nota seis, pois não vejo valorização, nem incentivo para que o professor possa realizar um bom trabalho com essa disciplina” (Violeta, 2024); “seis, pois nunca tive uma formação direcionada a Arte em sala de aula” (Tulipa, 2024); “oito, não é uma disciplina ou componente curricular muito explorado, muitas vezes é esquecido” (Jasmin, 2024).

Assim sendo, com base nessas respostas, observamos que os três professores que compreenderam corretamente a questão trouxeram um panorama fiel da realidade vivenciada no município e na escola onde atuam. Além disso, acreditamos que essa situação não se restringe apenas a essa localidade, mas reflete um cenário recorrente em outros municípios cearenses.

4.2 Nossas percepções sobre a interação dos professores no momento do minicurso

Os professores presentes no dia da realização do minicurso demonstraram grande empolgação. Muitos mencionaram que não sabiam desenhar ou que não eram bons em arte. No entanto, essa percepção foi desconstruída ao longo da formação, especialmente durante a contextualização conduzida pelo professor e artista Thyago Cabral, mais conhecido como Thyagão, conforme ilustrado na Figura 20 abaixo.

Figura 20 – Momento de contextualização



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

Ele demonstrou que é possível desenhar sem a preocupação excessiva com habilidades técnicas. Cabral destacou que, antes de tudo, é essencial saber interpretar e expressar ideias, deixando as questões técnicas para um momento posterior. Durante a fase de Contextualização, ele explicou as diferenças entre charge, tirinha, ilustração, caricatura, HQs e desenho, conforme ilustrado na Figura 21 abaixo.

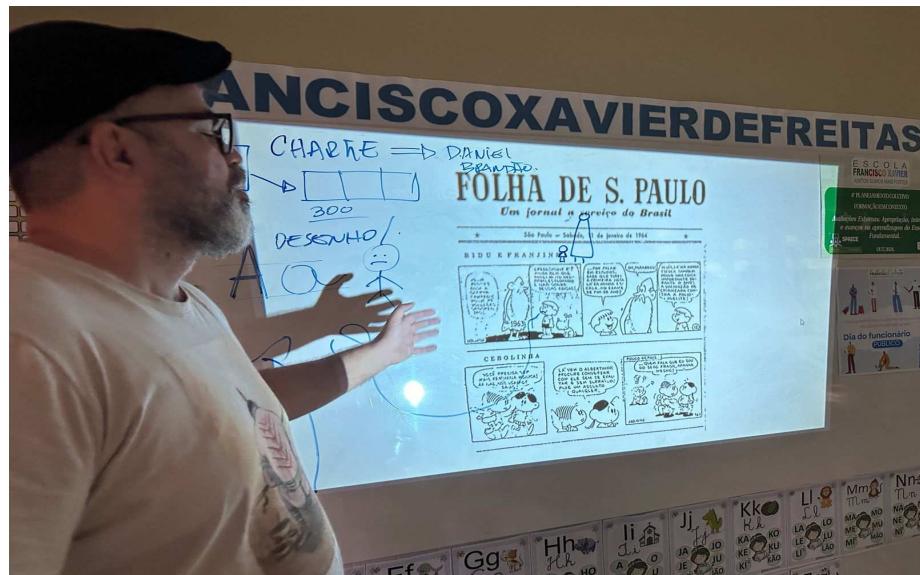
Figura 21 – Fase de contextualização



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

Após toda essa explanação, o professor Cabral avançou para o momento de fruição, situação em que vários exemplos visuais, conforme Figura 22, como charges, tirinhas, ilustrações, caricaturas e HQs e desenhos, foram exibidos nesse dia.

Figura 22 – Momento de fruição



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

Após esse momento de contato estético e artístico com as obras visuais de vários artistas, Cabral decidiu testar a capacidade dos professores presentes de se expressarem visualmente, mas sem mostrar imagens. O professor optou por descrever uma situação jornalística ocorrida em Fortaleza, mais especificamente no Bairro Centro da capital cearense, cuja matéria foi publicada no jornal *Diário do Nordeste*. Sua audiodescrição foi a seguinte:

Gostaria que vocês prestassem atenção nesta notícia: um leão estava em uma praça e perto dele havia um poste e muitas árvores, e esse leão precisava ser restaurado. Como vocês poderiam elaborar uma imagem, de forma bem-humorada, com essas poucas informações? (Cabral, 2024).

Cabral pediu que os presentes se dividissem em duplas, e cada dupla recebeu uma folha de papel ofício para que pudesse interpretar o que ele havia falado. Veja a Figura 23 abaixo:

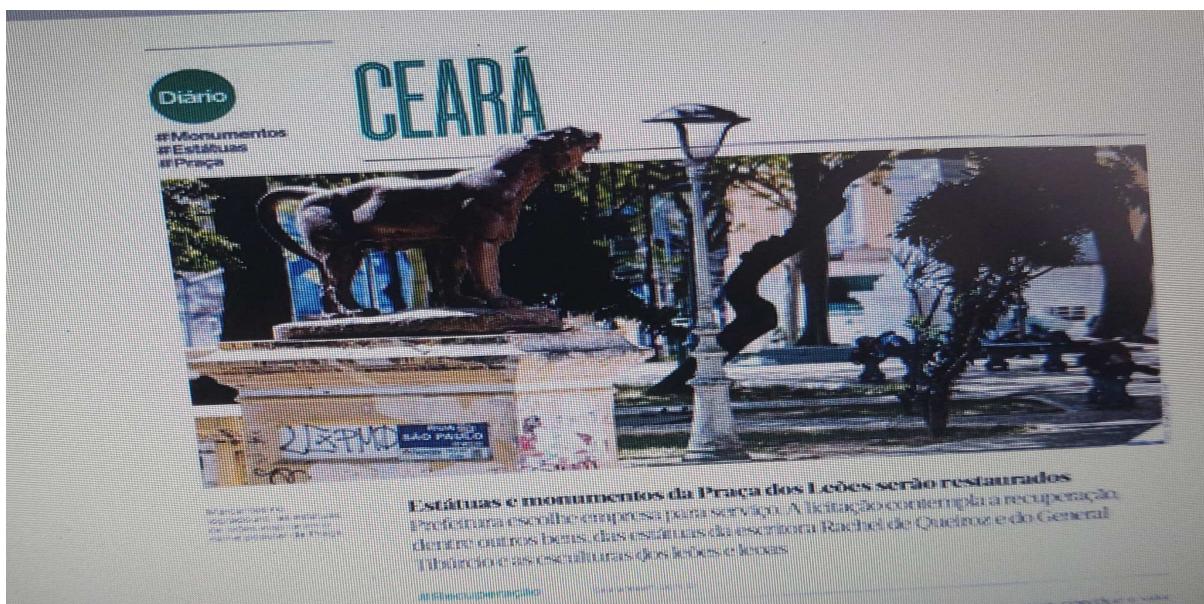
Figura 23 – Notícia



Fonte: Diário do Nordeste (2023).

Quando todos terminaram, o professor Cabral apresentou o desenho que compunha a notícia e, na sequência, demonstrou a charge, realizada por ele. Verifique as Figuras 24 e 25 para uma melhor compreensão.

Figura 24 – Foto e manchete



Fonte: Diário do Nordeste (2023).

Figura 25 – Charge do artista Thyagão



Fonte: Diário do Nordeste (2023).

Nas figuras 26 e 27, em sequência, temos a execução da fase de produção da AT de Barbosa (2010). No início, houve um certo estranhamento, do tipo: “Será que sou capaz de realizar isso?”. No entanto, as imagens a seguir evidenciam o poder do desenho e dos quadrinhos. No caso da produção de uma charge, os professores se divertiram e aprenderam a diferenciar as modalidades do humor gráfico e os tipos de quadrinhos, de uma forma lúdica, expressiva e espontânea. O conhecimento foi adquirido de duas formas: 1. Plástico, pela expressividade de cada um, que, a princípio, não sabia que era capaz de fazer; e 2. Informacional, pelas possibilidades de se trabalhar esses tipos de imagens dentro da sala de aula, não apenas no componente Arte, mas também em outros componentes curriculares.

Figura 26 – Momento de produção



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

Figura 27 – Momento de produção



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

Os professores que inicialmente disseram que não sabiam desenhar conseguiram criar algo semelhante ao desenho do artista e ficaram surpresos com o resultado, assim como exemplificado nas Figuras 28, 29 e 30. Naquele momento, foi confirmado que todos podem se expressar pelo desenho, e que isso depende apenas do comando transmitido pelo professor. Ou seja, se o mediador souber utilizar a AT, os alunos serão capazes de atingir o objetivo proposto.

Figura 28 – Produto final



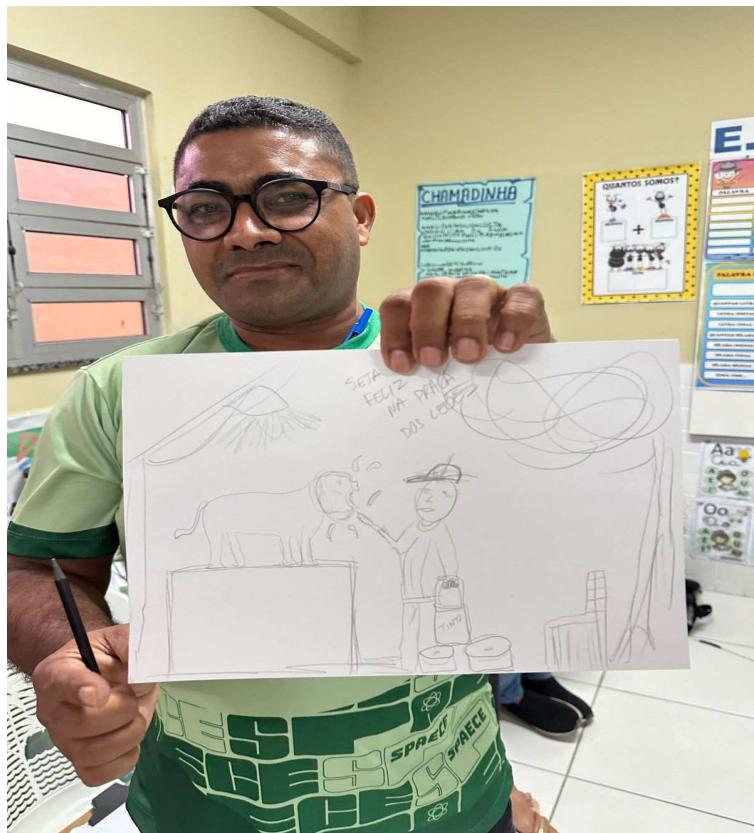
Fonte: Arquivo pessoal (2024).

Figura 29 – Produto final



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

Figura 30 – Produto final



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

Observamos, através dos registros fotográficos, a presença da AT nas três etapas: fruição, contextualização e produção. Também foi evidente o engajamento dos professores em participar do minicurso, demonstrando uma grande vontade de aprender algo novo que pudesse contribuir para a aprendizagem dos alunos. Além disso, foi perceptível no olhar dos professores participantes da pesquisa um certo revigoramento, por estarem vivenciando um momento formativo. Caso essa formação tivesse continuidade na escola, certamente seus colegas poderiam experimentar novas formas inovadoras do ponto de vista didático e metodológico, proporcionando aos alunos meios diversos de aprendizagem. Após o minicurso, os professores compartilharam comentários sobre a possibilidade de utilizar a metodologia de ensino de arte por meio dos quadrinhos com seus alunos e expressaram o desejo por mais formações continuadas, na modalidade de minicurso, para enriquecerem suas práticas pedagógicas.

4.3 A percepção dos professores acerca do componente Arte, a partir de uma formação em artes visuais, cuja metodologia usa as HQs

Nesta etapa, objetivamos avaliar se houve uma mudança na percepção dos professores após a ministração do minicurso sobre a possibilidade de uso das Histórias em Quadrinhos em sala de aula. No mesmo dia, foi enviado a eles, via WhatsApp, os três questionamentos abaixo: após o minicurso, o que você poderia acrescentar na sua prática pedagógica? Qual sua percepção sobre o minicurso? Aprendeu algo novo?

Dos oito professores que responderam à primeira etapa da pesquisa, um não pôde participar da segunda etapa. Dos sete que participaram do minicurso, somente quatro forneceram uma devolutiva sobre a ministração do minicurso. Margarida (2024) percebeu que poderia envolver as HQs em sala de aula, mesmo sem que estivessem presentes nas orientações das atividades do livro didático, de forma interdisciplinar. Ela acrescenta: “pude colocar os alunos para produzir HQs em sala de aula, coisa que antes não solicitava”. Como ilustrado na Figura 31 abaixo:

Figura 31 – Produção de HQ: alunos do 7º ano A



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

A atitude da professora foi excelente, pois ela acrescentou a produção das HQs em sala de aula, deixando subentendido que antes trabalhava a fruição, a contextualização e a interpretação textual dos textos multimodais presentes no livro didático, sem perceber que poderia ir além, solicitando uma produção artística que valorizasse o texto imagético, ao mesmo tempo em que estimulava os alunos a escreverem e expressarem seus sentimentos. O fato de Margarida acrescentar a produção das HQs em sala de aula é incomum nas aulas de Artes, já que a grande maioria dos professores foca apenas no “saber fazer”. A professora, ao retomar suas aulas de Artes, solicitou uma produção de HQs, como foi apresentado na figura anterior.

Já a professora Orquídea (2024) afirmou: “Posso trabalhar, fazendo as crianças criarem suas próprias HQs”. Ela acrescenta que sentiu falta de mais explicações sobre HQs durante o minicurso: “Mas faltou trabalhar mais sobre HQ. Falou sobre cartum e charge, mas não explicou sobre a HQ, e eu aprendi a diferença entre cartum e charge.” (Orquídea, 2024).

No primeiro momento, podemos inferir que a professora em estudo vai focar as HQs em sala de aula, utilizando-as somente na produção, sem deixar espaço para interpretação, o que se alinha à prática tradicional. Em relação à segunda resposta, em que a professora mencionou a necessidade de mais explicações sobre as HQs, vale destacar que não abordamos o passo a passo de como construí-las em sala de aula, mas sim demonstramos as principais características de como usar as HQs como recurso pedagógico.

Somadamente, temos outros relatos dos participantes da pesquisa apresentados a seguir:

Na prática pedagógica posso acrescentar a criatividade dos alunos com desenhos dos personagens e imaginação transformando o aluno com sua diversão. O Minicurso tem mostrado como desenvolver a história em quadrinhos durante a leitura e criatividade dos alunos. A percepção para o minicurso é aperfeiçoar o aluno numa linguagem de construção no sentido da Arte (Dália, 2024).

Achei muito interessante o minicurso sobre Histórias em Quadrinhos apresentado para nós professores no dia do planejamento coletivo, a maneira como o palestrante Thyago, mais conhecido como Thyagão abordou o assunto, foi muito envolvente, fez com que a turma prestasse atenção... ele mostrou exemplos de atividades simples e eficazes que podemos aplicar com nossas turmas nas produções de quadrinhos, tirinhas, ilustrações, desenhos, caricaturas. O curso aumentou a minha percepção sobre a importância do

desenho na vida dos meus alunos, confesso que tinha dúvidas sobre caricaturas e o Thyagão tirou muitas delas, hoje já dá mais segurança para trabalhar sobre o assunto (Violeta, 2024).

Dessarte, foi observado nas narrativas acima que os docentes explicitaram a importância do minicurso para suas práticas pedagógicas em sala de aula e que, a partir dele, já podemos perceber mudanças na metodologia de um dos professores participantes da pesquisa. Essas percepções contrariam a visão tecnicista que alguns apontaram na primeira etapa do questionário, mostrando como os professores passaram a perceber o quanto é enriquecedor produzir imagens, inserindo práticas de artes visuais, como as HQs, para estimular os alunos a aprenderem e, consequentemente, a se expressarem visualmente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste estudo foi investigar as percepções e representações acerca do componente Arte pelos professores da EMEF Francisco Xavier de Freitas. Com isso, buscou-se, com base nos dados obtidos, realizar uma formação na modalidade de minicurso sobre as possibilidades de ensino de arte por meio do uso das HQs em sala de aula, além de avaliar a existência de formação continuada direcionada aos professores e a valorização do componente Arte no município de Horizonte e na EMEF Francisco Xavier de Freitas.

Os objetivos específicos elencados inicialmente foram alcançados através da aplicação de dois questionários (um escrito e outro online), além da ministração de um minicurso, que demonstrou as possibilidades de ministrar aulas usando HQs em sala de aula. Em seguida, foi aplicado um segundo questionário aos professores via WhatsApp para verificar se houve mudança na percepção dos docentes sobre a inclusão das HQs no ensino.

Evidenciamos que a maioria dos professores comprehende o sentido da palavra “arte”, mas ainda nos deparamos com algumas visões que associam a arte a um campo do fazer, de certo modo tecnicista, focado na habilidade e na valorização do belo. No entanto, a arte vai além disso, ela não apenas desperta sensações, mas também gera conhecimento. Alguns professores ainda comprehendem a arte de forma mecanicista, priorizando a produção de algo para entregar um “produto pronto e acabado”.

Também foi observado que, nas percepções dos professores, o ensino de arte pouco mudou desde o período em que eles próprios eram estudantes. Continuam focados na produção de desenhos e/ou pinturas de modelos prontos, sem contextualização, com exceção de um docente do EF – anos finais, que sugeriu, implicitamente, que suas aulas de arte valorizam duas das etapas da abordagem triangular, embora não tenha mencionado explicitamente a AT. Ele nunca percebeu que poderia solicitar a produção de HQs, fato que só foi possível após a realização do minicurso. Esta situação é exclusiva desta pesquisa, pois, de modo geral, os professores solicitam apenas a produção de algo nas aulas de arte, deixando de lado a fruição e a contextualização. Acredita-se que isso seja reflexo das poucas aulas de arte que cursaram durante a formação inicial, visto que foi a única pessoa a mencionar ter cursado disciplinas específicas de arte.

Ademais, confirmamos que nenhum dos participantes da pesquisa tem formação em artes, nem cursou disciplinas voltadas para o ensino do componente Arte. Apenas um participante cursou disciplinas de artes no curso de Letras, sendo ele responsável pelos componentes de Língua Portuguesa e Arte no EF – anos finais. Além disso, os professores não recebem formação para o ensino de artes, nem orientações sobre como ministrar o componente Arte em sala de aula, fato observado tanto com os professores do EF – anos iniciais quanto anos finais. Quanto à valorização do componente Arte na escola e no município, os professores afirmaram que não há valorização do componente e, muitas vezes, são orientados a ministrar conteúdos de outros componentes no curto período destinado à Arte.

Após o minicurso, foi possível constatar uma mudança significativa nas percepções dos professores sobre como ministrar as aulas de arte, principalmente as de artes visuais. Logo após o minicurso, um dos professores usou as HQs com os alunos em sala de aula, e outros afirmaram que passaram a ter novas estratégias para explorar as artes nas suas práticas pedagógicas.

Dessa maneira, concluímos que é urgente a implementação de uma formação continuada para os professores que ministram o componente Arte no município de Horizonte, abrangendo toda a educação básica. É necessário também mais sensibilidade nas escolas sobre a relevância das artes para a formação dos estudantes, tanto no aspecto cognitivo quanto sensível e estético. Investir em formação continuada para os professores de arte é fundamental, pois, por meio das aulas de arte, eles podem adotar abordagens interdisciplinares, utilizando as HQs e a AT, impactando positivamente na aprendizagem dos alunos e enriquecendo os conteúdos de outras disciplinas sem comprometer o tempo destinado ao componente curricular Arte.

Outrossim, este estudo contribuiu para o conhecimento da realidade local, desvelando possibilidades de qualificar o ensino de arte, especialmente com o uso das HQs em conjunto com a Abordagem Triangular, destacando o trabalho desenvolvido pelos professores da educação básica. No entanto, este estudo não permite generalizações dos resultados obtidos. Dessa forma, propomos a realização de novas pesquisas que analisem contextos distintos para possibilitar a comparação de resultados, visando o aprimoramento do ensino de arte, especialmente na implementação das HQs e da abordagem triangular em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A. M. **Abordagem triangular**: no ensino das artes e cultura. São Paulo: Cortez, 2010.
- BARBOSA, A. M. T.B Releitura, citação, apropriação ou o quê? In: BARBOSA, A.M. (Org.) **Arte/Educação Contemporânea**: consonâncias internacionais. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 143-149.
- BARBOSA, A. M. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.
- BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da Arte**: anos oitenta e novos tempos. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BARBOSA, A. M. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: Com/Arte, 1998.
- BARBOSA, A. M. **Teoria e prática da educação artística**. São Paulo: Cultrix, 1975.
- BRANDÃO, D. **A linguagem dos quadrinhos**: fascículo 3. Fortaleza: Fundação Demócrata Rocha, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Ministério da Educação e do Desporto: Brasília, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 10 mar. 2025.
- CAGNIN, A. L. **Os quadrinhos**: linguagem e semiótica. São Paulo: Criativo, 2015.
- EISNER, W. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FERRAZ, M. H. C.; FUSARI, Maria F. R. **Metodologia do Ensino de Arte**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

LUYTEN, S. B.; LOVRETO, J. A. **Efeito HQ: uma prática pedagógica.** [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://efeitohq.com/livro>. Acesso em: 22 ago. 2024.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 4 ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996.

MORAES, A. G. **Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização.** 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

NETTO, R. (Org.). **Antologia HQ: quadrinhos para sala de aula.** Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2018.

POUGY, E. G. P. **Arte:** soluções para dez desafios do professor, do 1º ao 5º do ensino fundamental. São Paulo: Ática, 2011.

SOUZA, F. G. A. **Prouni:** o que pensam as juventudes sobre essa política pública de acesso ao ensino superior? 2017. 94f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Centro de Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

TEIXEIRA, E. **As três metodologias:** acadêmica, da ciência e da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2005.

TENENTE, L. **Mais da metade dos alunos brasileiros tem nível baixo de criatividade no Pisa 2022.** G1, 18 jun. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/06/18/mais-da-metade-dos-alunos-brasileiros-tem-nivel-baixo-de-criatividade-pais-esta-entre-os-ultimos-de-ranking-internacional-diz-pisa.ghtml>. Acesso em: 22 ago. 2024.

UTUARI, S. BNCC e o ensino de Arte. In: Equipe educacional da editora FTD (Org.). **A BNCC na prática.** 1 ed. São Paulo: FTD, 2018.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A – INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

QUESTIONÁRIO

- Convidar os professores do Ensino Fundamental I, ou seja, que ministram aulas do primeiro ao quinto ano, para participar da pesquisa.
- Questionário a ser antes da formação.
- Enviar o questionário via WhatsApp aos participantes da pesquisa que se dispuseram a contribuir.
- Estipular um prazo para devolutiva.
- Após, prosseguir com análise dos dados.
- Após a formação será aplicado outro questionário, que ainda será elaborado.
- Segue abaixo o exemplo do questionário.

PRIMEIRO QUESTIONÁRIO

1) O que você entende por arte?

2) Quais as formas de arte você mais aprecia? Por quê?

3) Na sua vida estudantil, você estudou arte na escola?

() Sim () Não

Se sim, como eram as aulas de arte?

4) Qual sentimento você relembra das aulas de arte, enquanto aluno da educação básica?

5) Qual sua área de formação? Ano de formação? E quais componentes curriculares você leciona??

6) Na sua formação profissional você estudou alguma cadeira, direcionada ao ensino de arte?

() Sim () Não

7) Hoje exercendo sua profissão, recebe formação direcionada para o ensino de Arte?
 Sim Não

8) Na sua opinião, o gênero textual: História em Quadrinho - (HQ), também é arte??
Por quê?

9) Como você ministra uma aula de arte? Se fosse usar as Histórias em Quadrinhos
nessa aula, como você procederia do ponto de vista metodológico?

10) Durante sua vida profissional, qual nota você atribui a valorização do Componente
Curricular Arte? Por quê?

Muito obrigada!!

SEGUNDO QUESTIONÁRIO

- Após a realização do mini curso em História em Quadrinhos

1) Após o minicurso em HQ, o que você poderia acrescentar na sua prática
pedagógica?

2) Qual sua percepção sobre o minicurso, aprendeu algo novo?

Muito obrigada!!

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)****PARA OS PROFESSORES**

Prezados professores,

Estamos realizando uma pesquisa intitulada Quadrinhos em sala de aula: uma experiência formativa em artes visuais com docentes da EMEF Francisco Xavier de Freitas – Horizonte, Ceará. A referida investigação tem como objeto de estudo o uso das histórias em quadrinhos em sala de aula como experiência de formação continuada em artes visuais com docentes da EMEF Francisco Xavier de Freitas, em Horizonte, Ceará.

A realização desta pesquisa poderá contribuir para a consolidação de um importante agrupamento profissional no âmbito acadêmico, na Secretaria Municipal de Educação, nas Instituições de ensino, refletindo na prática docente e na aprendizagem dos estudantes. Para atingir o nosso objetivo, a pesquisa incluirá, em sua metodologia, a realização de dois questionários e um minicurso, o primeiro questionário será aplicado antes da formação e o outro depois, especialmente, aos professores que lecionam o componente Arte, mas nada impede que os outros professores participem da pesquisa.

Com essas informações, gostaríamos de solicitar a sua autorização para que possamos realizar as observações, registrando em forma de fotos e também a sua participação nos momentos de entrevistas. Caso aceite, por gentileza, assine esse documento que possui duas vias: uma ficará sobre o seu poder e a outra com os pesquisadores. O Comitê de Ética em Pesquisa da UFC encontra-se disponível para reclamações pertinentes à pesquisa pelo telefone (85) 33668344.

Fortaleza, _____ de _____ de 2024.

Nome do docente: _____

Assinatura do docente: _____